

Ofer
-0. NOV. 1998

AVULSO

1.20 ESC.

ANO II - N. 102

29

ABRIL

1943



HOMENS DO MAR!

Vida
Mundial

ILUSTRADA

Semanário gráfico de actualidades



DR. LUIS GUERREIRO

Acaba de publicar o «Quadro Normal dos Coeficientes de Desvalorização Funcional», que foi oficialmente aprovado para casos de incapacidade por motivo de desastros no trabalho. Colaboraram na organização deste trabalho os Drs. Henrique Moptinho e Paulo Júnior.



DR. VERGILIO GODINHO

Prémio Ricardo Malheiro 1943, com o romance «O calcanhar do Mundo» e que acaba de publicar «A herdade dos Castros», uma obra que confirma as suas qualidades de escritor e a qual está por certo reservando um êxito igual ao do seu primeiro romance



DR. EVARISTO FRANCO

Médico de largo saber e escritor de comprovado valor. O seu último livro «E o ouro perdeu o brilho» é mais uma contribuição para o alto nível do nosso panorama literário e um excelente título para o seu autor.

AQUI entre Nós



ÁLVARO CARDOSO DE AZEVEDO

de um estabelecimento modelarmente construído e razoavelmente recheado de móveis e aparelhagem: as idéias expressas nos livros de ciência não passarão de infrutíferas teorias, se a prática não acorrer em seu auxílio...

Um artista de mérito grande, na arte fotográfica, cuja larga expressão se tem evidenciado sob a rubrica de «Foto Alvão». Foi recentemente agraciado com o grau de cavaleiro da Ordem de Cristo — uma distinção a todos os títulos merecida.

II II

QUIVIMÓS, há dias, um estrangeiro — o sr. Pierre Goemaere — fazer, numa conferência (que se revestiu duma requintada nota mundana) o elogio de Lisboa. Por justo que o sr. Goemaere tenha sido nas suas palavras, os lisboetas devem confessar-se desvanecidos — porque nem sempre os estrangeiros julgaram, com a devida justiça, a nobre cidade do Tejo. Lisboa é uma cidade estruturalmente feminina. Possui, por consequência, todos os atractivos e porventura todas as infidelidades da mulher. Como afirmou o sr. Goemaere, há cidades que vivem exclusivamente da sua fisionomia, do seu «decor», do seu arranjo exterior, dos artificios, maiores ou menores, que lhes dão os seus monumentos, os seus traços arquitectónicos; outras há que não guardam senão intimidade. Lisboa acumula. Os seus olhos reflectem ou, melhor, completam a sua alma.



ANTÓNIO DE CÉRTIMA

É um poeta moderno no sentido da forma e do pensamento, com uma tendência clássica de sensibilidade fresca e espontânea. O seu livro «Bodas Helénicas» entrou em segunda edição.



CORONEL COSTA VEIGA

O S. P. N., como dizemos noutro lado, distinguuiu, uma vez mais, aqueles que nas letras ganham o pão de cada dia ou buscam motivos de melhor viver espiritual. Aparecem nomes novos, embora não por revelar, ao lado de outros já laureados em competições idênticas. De qualquer modo, o feito, em si, representa alguma coisa de assinalável no nosso meio literário, onde os valores nem sempre têm a justa compensação do seu trabalho e persistência. Assim, a iniciativa do S. P. N., só é de aplaudir, com os votos sinceros de quantos estudam e trabalham, para que prossiga esta obra de estímulo e recompensa moral e material.

Escritor e historiador, é director da Biblioteca Nacional e foi recentemente eleito sócio correspondente da Academia das Ciências, um lugar conquistado pelo muito saber e cultura da obra realizada.

Inventário & Balanço

A QUARESMA

A Semana Santa d'êste ano parecia ter menos gente no Chiado. Não há controle possível para estas coisas, pois cada um de nós, todo o ano, se sente fadado para sentenciar que no ano anterior, por essa época, não tinha havido tanto calor — se é na Verão que a verificação ocorre; ou que não tinha havido tanto frio — se estamos no Inverno... Por sinal, bem sabemos com quanta facilidade os regatos oficiais quasi sempre se apressam a desfazer, sem nenhuma contemplação, estas nossas certezas definitivas e tranqüilas... O certo é que o Chiado, êste ano, teve um aspecto novo na Semana Santa, de que muita gente, pela força do hábito, se terá esquecido: o desfile rua abaixo, rua acima, pôde ser reservado quasi em exclusivo aos peões, porque o consumo de gasolina, apesar de todas as boas vontades e até dos casos concretos de aligeiramento do péso da crise, continua a ser um dos mais completos casos de jejum impostos pelas circunstâncias.

PROPORÇÕES

A «matança grande» é a que se faz no Matadouro em sexta-feira Santa para se abastecer a cidade no dia seguinte — em que se quebrou o jejum quaresmal. O jejum, agora, prolonga-se um pouco mais equitativamente por todos os dias da ano. Mas nem por isso a «matança grande» deixou de se fazer e de se chamar assim mesmo — embora mais pequena do que a média de uso. A experiência ensina-nos muita coisa: até as proporções...

IDADES

Gualdino Gomes fêz 85 anos, Acácio de Paiva fêz 80. O abade do Baçal chegou aos seus 76. Cada um dêles sentirá as forças bastantes para nos dar razão a nós outros, quando considerarmos, com certa inveja, a sua frescura de espirito...

Vida MUNDIAL
Publicada
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS

DIRECTOR:
JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO:
JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA GARRETT, 80-2.º — LISBOA
TELEFONE: 2 5 8 4 4

para o problema das doenças mentais e seu tratamento, numa terra em que, não obstante tantos e tão eficazes esforços, continuamos à espera de ver albergados e tratados proficientemente quantos necessitam de ser. No intuito de promover uma assistência de resultados cada vez mais concretos, criou-se o curso em referência,

com gratificação a médicos estagiários o que, aliado a um bom desejo de aperfeiçoamento por parte dos médicos psiquiatras — há-de promover um grande passo a favor de um problema agudo de todos os tempos. De facto, sem pessoal especializado — não temos que ir buscá-lo muitas vezes lá fora? — é impossível colher bons frutos

II II

FOI criado um curso de médicos estagiários, no hospital Júlio de Matos. O que a iniciativa representa — está ao alcance de quantos voltam os olhos

actualidades GRAFICAS



Há dez anos, o Sr. Dr. Luís Adão fundava no serviço 5 do Hospital dos Capuchos um curso livre de cirurgia, destinado a assinalável êxito nos meios escolares e cirúrgicos. À cerimónia do aniversário associaram-se médicos e o enfermeiro-mor dos Hospitais Cívicos sendo descorrida uma lápida comemorativa.

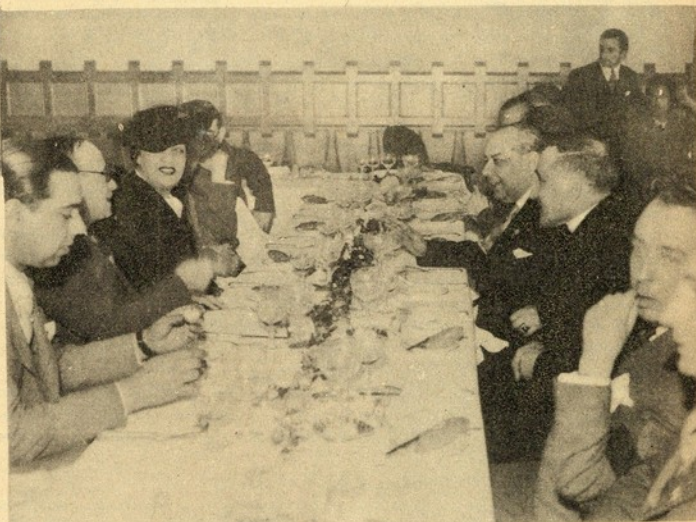


Portugal e Brasil, das extremidades de uma longa cadeia de interesses e simpatias comuns, tiveram durante largos anos a servi-las o tato, a cultura e a inteligência do Embaixador dr. Araújo Jorge que, por ter sido atingido pelo limite de idade, vai ser substituído pelo dr. Neves da Fontoura. Para testemunho do dito apreço em que é tida a obra do dr. Araújo Jorge pela Governo português, o sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros ofereceu-lhe um banquete de despedida, no Palácio das Necessidades.



Os rapazes da «Mocidade Portuguesa» fazem campismo. Na última semana, mais de mil filiados estiveram acampados à beira-mar, nas Azenhas do Mar, no Guincho, em Cascais, no Cabo da Roca e na Caparica.

✱
O centenário de João Rosa, dos primeiros de uma geração de artistas que está a extinguir-se e que dificilmente se renova, foi evocado numa sessão promovida pela secção de teatro do Conservatório Nacional. Samuel Denis falou do actor e Assis Pacheco e Carlos Santos associaram-se à cerimónia que teve a orientação do Dr. Jorge de Faria.



No restaurante Tavares, efectuou-se o almoço anual, para divulgação dos nomes premiados no último concurso do S. P. N. Dêse concurso saíram classificados Costa Brochado, Padre Moreira das Neves, Joaquim Paço de Arcoz, Campos de Figueiredo, Armando Vieira Pinto, e Adolfo Simões Müller.



NAS BELAS ARTES

abriu o

Salaão da

PRIMAVERA

A inauguração do Salaão Primavera, na Sociedade Nacional de Belas Artes, é sempre um acontecimento artístico e mundano. Expõem-se os últimos trabalhos dos artistas — e os primeiros modelos das costureiras. No sábado passado, lá estavam as duas grandes paradas da arte de pintar e da arte de vestir — e deve dizer-se que o «match» resultou nulo, porque se os trabalhos dos artistas não subiram a grande altura, os chapéus e os vestidos das mulheres bonitas não ultrapassaram o que fica um pouco aquém do mau gôto...

* * *

Chega o Chefe do Estado. Já lá estão, para o receber, os srs. ministro da Educação Nacional, que substituiu a borla e o capelo por confortável gabardine de passeio; os directores da Sociedade e Academia de Belas Artes e dos Museus de Arte Antiga e Contemporânea...

A orquestra ataca o Hino Nacional, a bandeira presidencial é içada no edificio e o público acumula-se, a ver se, por detrás dos policiaes que seguem na comitiva, poderá figurar nalguma foto. Realmente, as descargas de magnésio sucedem-se e fazem-se fotografias de todas as formas e em todas as posições.

O sr. Presidente, de catálogo em punho, vê, pede informações e comenta. Por fim retira-se. Mais uma «pose», um sorriso, um apêrto de mão com um «felicito-o, sr. Ressano de Garcia», uma metralha de mais fotos — e acabou-se a parte oficial.

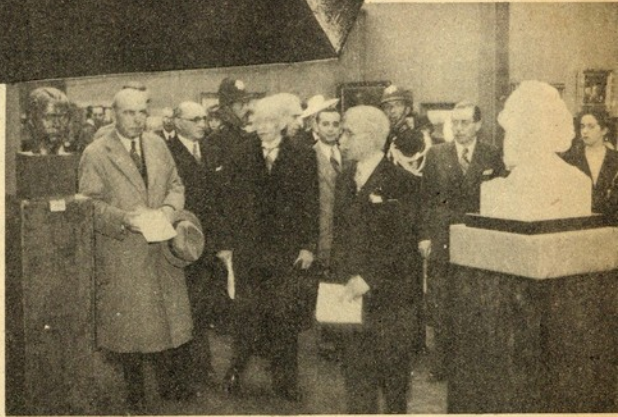
Vem agora mais gente — contra o costume, a presença do Chefe do Estado não impediu a aglomeração de convidados — fazem-se grupos, há comentários. Uma senhora, com um grande chapéu de penas de galo, insiste com o funcionário, em grandes gestos:

— Deixe-me entrar! Sou avó do pai da moça que expõe...

Alice Oeiras passeia a sua capa azul e umas fitinhas a sair-lhe do chapéu da mesma cor. Alda Machado, de casaco de peles pintalgadas, parece uma ferazinha amansada, e Guilherme Pereira de Carvalho passeia as luvas, em representação do S. P. N....

Diante do quadro que tem o n.º 76, um cacho de senhoras com chapéus que parecem galinhas de pópa, comenta, veemente, as «toilettes» dos modelos:

— Que mal vestidas! Que horror!



— Sr. Presidente, sr. Ministro, por aqui — diz o presidente da S. N. B. A.



Veloso Salgado, Domingos Costa, António Sequeira preferem as mulheres à paisagem...

A um canto, Raúl Lino, muito esguio e de guarda-chuva e pasta, faz grupo com Francisco Franco e Diogo de Macedo. Discutem Ana Maria, diante do quadro 88:

— Está bem, muito bem mesmo...

Olívia Guerra, como uma Páscoa lileácea, passa vestida de roxo... Os três olham...

Há, de resto, muitos nomes conhecidos: dissolvidos com pessoas de família, meros curiosos e amadores, cruzam-se aqui e ali. Romano Esteves, Dr. Cortês Pinto, João Marques e Joaquim Joe, o escultor Júlio Vaz e o pintor Fernando Santos, que aproveita a oportunidade para falar de teatro com uma artista presente. Reinaldo dos Santos, Alfredo Cândido, João Valério e Arnaldo Ressano Garcia comentam, fazem grupos, passam, dispersam-se...

Palmira Bastos, como um silfide, desliza mansamente:

— Gosta?

— Estou encantada com aquela velhinha ali, tôda nimbada de luz... Mas diante dos pequeninos bronzes de Delfim Maia, fica extática, admirativa e concentrada...

Gostariamos de fixar a opinião particular do público em geral, dos artistas em especial. Mas eles falam baixo, muito baixo. Dispersam-se, fazem comentários rápidos. De um modo geral, de resto, dizem bem uns dos outros...

Mais um grupo: Veloso Salgado, Domingos Costa e António Sequeira. Comparam dois quadros de Fausto Gonçalves:

— As mulheres com as bilhas? A paisagem com o n.º 91 do catálogo? Preferem, afinal, as mulheres à paisagem...

O júri que há-de dar o prémio a quem o merecer, passeia desmembrado. Há, de resto, a parte comercial da exposição: tudo aquilo que ali está é sagrado, representa um esforço formidável. Quantos rapazes e raparigas passaram privações para adquirir mais uma bisnaga de tintas que faltava para acabar o quadro que veio à exposição? Quantos anseios representa cada uma daquelas presenças? Quantos desânimos, quantas alegrias?

É a alma de umas dezenas de artistas que ali está. E o estar já é um conforto, uma consolação. Às outras vêm depois: a citação no jornal, a aquisição do quadro.

Interesses humanos?

Talvez. Mas se o não fôsem, como poderiam os interesses de artistas defender-se?

Não é possível, porém, determo-nos nesta contemplação. Murteira e Américo Taborda estão diante do n.º 7, de Albertino. De novos para novos:

— Vê bem; olha que tem planos, movimento e côr...

Correia Leite, risonho, estufante, detem-se diante de um dorso de Emilia dos Santos Braga. Os artistas conhecem-no: tem o culto da arte, faz sempre aquisições, é um colecionador «raffiné». Talvez compre aquele quadro...

Passa o Dr. Queiroz Veloso, da Academia das Ciências. Diante de um quadro com pão de ló, uma senhora confessa que julgava que era queijo. A orquestra continua a atacar notas de Strauss ou qualquer outro. Os pares, os ímpares passam e repassam diante dos quadros.

A escultora Ana de Gonta Colaço declara à esposa do escultor Maximiliano que cada vez vê menos possibilidades de usar chapéu...

Ditos de espírito, espontâneos, ditos pretensiosos, frases de entendidos e de maus amadores andam nos ares... Hoje, amanhã, durante uns poucos de dias, a paisagem humana vai renovar-se de 24 em 24 horas...

Os artistas esperam, o público passa...

* * *

Qual o vlor global da exposiçã?

Abaixamento no nível da quantidade e qualidade? A verdade salta aos olhos de quem a visita. Não vale a pena então reforçar opiniões. Já o dissemos: tudo aquilo representa muito boa vontade, muito anseio, muito sentir humano para merecer respeito. Mas representa também cansaço de fórmulas e motivos: lá estão as flores de A, as marinhas de B, a jarra de C, as cebolas e as abóboras de D...

Tudo o mesmo, às vezes com diferença de côres e posições. Sente-se que o artista neutralizou emoções, que já não sabe que voltas há-de dar às coisas, às pessoas, para obter efeitos — porque a composição e a «mise-en-scène» têm de ser tão importantes e espontâneas como a inspiração na mistura das tintas na paleta. É por isso que, de um modo geral, os trabalhos estáticos do último Salão nos deixam a impressão de convencionalismo frio e inconvincente daquelas fotografias: «Meus senhores, atenção, um sorrizinho! Pim! Pronto, e muito obrigado a V. Ex.ª!»

Revelações não houve, e até na escultura — não há senão óleos e esculturas neste Salão — não se sente o entusiasmo que estava a manifestar-se nas últimas exposições.

Tudo é morno e calmo. Nada de gritos de mocidade criadora. Os próprios novos que aparecem são clássicos ou de pálido amadorismo...



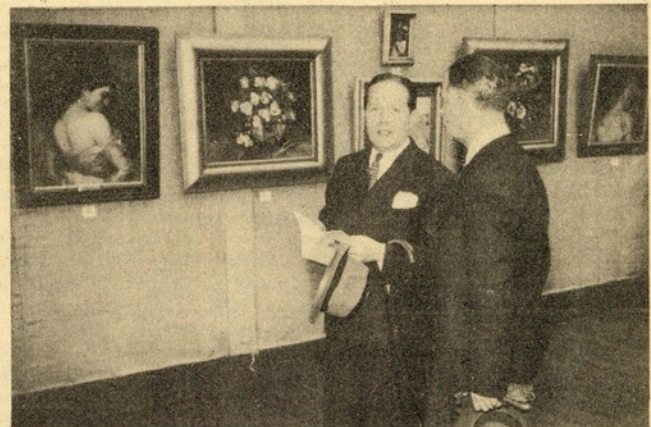
Palmira Bastos concentra-se na contemplação dos bronzes de Delfim Maia.



Raúl Lino, ao lado de Francisco Franco e Diogo de Macedo, põe os óculos para ver melhor...



Dois novos — Murteira e Américo Taborda — falam de um novo: Albertino Guimarães...



Que decidirá Correia Leite, sobre o discutido 146 do catálogo?

CADERNO

de um repórter

AS reminiscências constantes do artigo anterior pretendiam, apenas, constituir o quadro evocativo e saudável da nossa infância descuidada e pacífica. Mas várias pessoas nos escrevem a acrescentar pormenores sobre essa época. Não nos interessam, no entanto, tais intrinsecidades neste trabalho. Ainda que este abranje tudo e todos, seguiremos inflexivelmente a norma introspectiva que nos impusemos.

Revimos a rua da Paz dessa época. Era, como hoje, uma encosta; porém, menos pretenciosa. Participava, devido aos seus grandes casebres apalaçados — restos da grandeza de vistas da reconstrução pomballina — da grande urbe ulissiponense, e devido aos vastos jardins e hortijos adjacentes da bravía formosa silvestre dos ubérrimos arredores.

Ainda estávamos a viver os restos pacatos e felizes do período joanino — dêsse vasto e plácido Portugal alcobacense, cuja regra era a dos sorridentes quanto glutões companheiros de Vatel, e de cujos benefícios agrícolas tanto se maravilhou Wellington, que dos irmãos de frei Bernardo de Brito escreveu «não ser concebível uma Lusitânia próspera sem o equilíbrio dêsses campos férteis». Isto é, ainda hoje, e vem em qualquer sítio do muito que lemos do «lord» libertador.

O JORNAL «A MOCIDADE»

Nesse tempo, porém, comia-se até estalar. E depois, protestávamos. O desemprego, ocasional, de alguns dias, sublevava protestos aos montões; sem sabermos, ai de nós, ser possível o de continentes inteiros. Comia-se fava rica, chupava-se, por uma «cheta», em garbo cavalinho, um capilé ou fumava-se... um charuto de chocolate.

Na calçada do Combro, a que a rua da Paz está vinculada, resfolegava trepidante o esverdeado «maxibombo», que nos ascendia ou descendia naquela lomba complicada. Quasi sempre, optávamos pela Academia. Ali, enrevlado terreiro nos cumprimentava com a frescura das suas olaias: na Primavera, pintalgadas de miriades de floritas que, por adocicadas, chamávamos «pardalinhos»; no estio, de tenras folhas que palmávamos, quando víamos os «bichos da séda» quasi mortos por lhes faltarem as amoreiras com o natural pasto.

Pois em meio dêsse paraizo perfumado a vinho do termo e com o apetitoso cheirinho a sardinha fresca assada nas brasas, erguia-se, como já dissemos, a Academia de Estudos Livres. E esta possuía um quinzenário, seu órgão, intitulado «A Mocidade». Do qual tenho aqui, conservado por minha família, um exemplar do n.º 2, saído em 1 de Agosto de 1910.

Jornal de rapazes, também lá colaboravam os «meninos». Ora eu frequentava a escola, com meus nove anos—insisto na idade, não para me fazer mais novo, mas para desconto de pecadilhos—ao acorrerem as histórias singulares do esqueleto e do rabeção.

OBJECTO DE CRIME: HERCULANO

Também lá ia, com dois anos de dianteira, meu irmão mais velho. Havia, ao todo, entre a Escola e a Academia, seus quatrocentos alunos, dos quais uns cinqüenta por cento eram académicos à força por terem de trabalhar de dia, só lhes restando as noites.

Uma tarde de Primavera, a nossa professora, uma esplêndida e sardenta mulher, de faces lustrosas e saudáveis, a sr.ª D. Teresa, disse-nos:

—Os meninos ficam avisados de que amanhã, dia tantos de tal, faz cem anos que nasceu Alexandre Herculano. Irems cantar, no jaziço dele, o «Hino a Camões». Aquê que melhor contar as coisas, em uma só folha de papel de trinta linhas, entra logo em férias e é dispensado do exame de português.

Fiquei, ufano e vaidoso, à espera do dia seguinte. Meu irmão, imensamente mais metódico e tranqüilo, continuou a trabalhar. Eu, apaixonado, jogava aos botões num «rap» indecentemente velho que ainda tenho.

Passei a noite acordadíssimo. Pela manhã, com um frio saudável, ligeiramente cortante, meu avô obsequiou-me com reluzentes patacos, incluindo meu irmão mais novo, apesar de só saber o a, b, c. Esses, os «miúdos», não podiam ser «escretores».

Do cortejo, que era grandíssimo por incluir todas as escolas mantidas pelos centros republicanos, socialistas, liberais e pelas associações operárias, só recorde o estirão esfalfante até Belém. Houve cantoria e berrata confraternizadora entre os de Lisboa e os da Casa Pia.

Omitidas minudências que a ninguém interessam, referirei, apenas, a reentrada pelas portas de Alcântara, ainda a êsse tempo de pé, julgando; a reentrada na Academia; e a evacuação do exército pré-escolar Herculaneano para os respectivos domicílios.

No outro dia, teve lugar a grande prova. Mas a D. Teresa das sardas saudáveis, e cujos olhos se dilatavam, ferozes ou meigos conforme o estado do tempo, repetiu o recado, sacudindo os ondedos cabelos:

—Trinta linhas... cuidado... nada de tolices... Herculano... Nasceu aqui ao pé... São Bento... Teresa casou... Camões...

Assim mesmo. Telegraficamente. O mafarrico parecia adivinhar o invento da telefonia sem fios. Certo é ter eu ficado perturbadíssimo, fazendo uma destas saladas que até

hoje me envergonho. Entretanto, na sala imediata, o meu irmão Antero trabalhava, sereno e tranqüilo como um santo.

Eu não sabia bem do que tinha-me ido fazer a Belém. Tanto mais que, expulso do canto coral por indecente e rabeçãoica figura, dissera de mim para comigo:—quero lá saber de vidas alheias!...

HERCULANICÍDIO... A SÉRIO

Ressouu um grito de escândalo e furor ao entregar a minha prova. A presidente do júri era a D. Teresa. Enervado, enchera a folha de borrões e de calinadas. Depois, riscara, emendara, e concluiu por redigir uma coisa inconcebivelmente grotesca, e contra a qual a omnipotente professora protestava. Tinha, de resto, necessidade disso, depois do escândalo do esqueleto.

Poucos minutos decorridos, ela retirara todos os alunos, e dizia:

—O menino Luís é expulso desta escola! Não deve escrever coisas dessas. O seu irmão, o menino Antero, é premiado entre todos os alunos e o trabalho feito por ele publicado no nosso órgão «A Mocidade!» Há estas e aquelas menções... etc., e tal.

O que fizera eu? Asneira grossa havia, mas de tal modo, custava-me a acreditar.

Os directores da Academia, pediram à minha irracível professora que procedesse à leitura de um e de outro trabalho. O contexto do meu era, pouco mais ou menos, o seguinte:

«Faz hoje cem anos que a nossa professora D. Teresa se casou com o sr. Herculano que vende cadernos escritos por troca com os Sherlock-Holmes velhos, nos Poiais de São-Bento. Fomos todos ao casamento, mas eu não vi nada por me terem dado um carólo Luis Camões».

—O menino fez isto com má intenção! Não volte cá! Já quando da história do esqueleto...—e desatou a chorar que até parecia uma fonte do chafariz d'El-Rei.

Pausa. Silêncio. Leu, depois, o trabalho de meu irmão. Deu-lhe o máximo de entonação, movendo o sinuoso fole vocal, que o atouchado seio da sucilenta senhora quasi punha a descoberto.

Ao descobrir que casara aquela polpa tóda com o surumbático historiador da Ajuda, tive lástima sincera de ainda não haver, entre nós, a lei do divórcio.

Decorridos trinta e três anos, releio a prosa fraterna e sou forçado a reconhecer que a D. Teresa procedeu muito bem. Ela saiu a 1 de Agosto de 1910, e os leitores vão acompanhar, comigo o breve relato. Sisudo, tem a nota singela da puerícia e do trabalho estudante que êle foi e é:

Razão do escrito:—«No dia 28 de Abril de 1910, a comissão executiva do centenário de Alexandre Herculano resolveu ir visitar ao convento dos Jerónimos o túmulo do grande historiador, poeta e ro-

mancista, que quasi no fim da vida, quando já tinha escrito os preciosos livros «Eurico», «Eu e o Clero», «Monge de Cister», etc., se retirou para uma quinta que possuía em Vale de Lobos, no distrito de Santarém».

PRÉMIO E CASTIGO

Está tudo certo. Agora, vem o acto cívico cuja razão, tão sucinta quanto clara, meu irmão descrevera:

—«Durante o cortejo, o que mais me impressionou foi a banda dos briosos marinheiros, que tocava e rufava lindamente.

Atenção para com a Escola Marquês de Pombal:

—«O sr. inspector das escolas primárias foi em extremo delicado: à Escola Marquês de Pombal reservou um lugar de destaque na reatguarda da escola que tomou para si o nome do glorioso Herculano, do homem que heroicamente tomou parte nas lutas de D. Miguel e D. Pedro.

Final, animado pelo foguetório e cantoria do tal hino a Camões, mal adaptado a Alexandre Herculano.

—«Uma salva de foguetes animou tudo. A música começou a tocar e o cortejo pôs-se em marcha, e chegou ao convento dos Jerónimos, outra salva se fez ouvir. Entrámos e seguimos para a capela onde se levanta o majestoso túmulo. Ali, cantámos o hino dedicado a Alexandre Herculano. A letra era de Rozendo Carvalho e a música de Silveira Paes, professor da Academia de Estudos Livres».

—Ora o menino Antero já está em férias e o menino Luís fica expulso!—assim disse e fez a ferina professora cujo colo, então garboso, estava de indignação.

Dois meses depois, o triunfo da Revolução de 5 de Outubro livrava-me da professora que eu tão gloriosamente quisera consorciar e avelhantar num século. Essa libertação, derivada, do princípio, da anormalidade em que a cidade jazia, fora antecidida de umas férias suspeitas. Quando deveríamos recomçar os estudos, meu Pai teve por mais prudente enviar-me para a Escola do Padre Brito.

Mas a D. Teresa rogou-me uma praça de sentido inverso, ao dizer no final da perorata:

—E o menino fique a saber que uma coisa nunca será nesta terra:—escritor ou jornalista!

É o que se vê, o que se viu e o que se verá, embora contra vontade. Mas tão intrigado fiquei que, um belo dia, ao apanhar de sucupa o nosso veterano colega Rafael Ferreira, então meu confidente máximo e vizinho do andar superior, lhe perguntei misteriosamente:

—Que é preciso... para ser jornalista?

—Pelo menos, escrever e ler correctamente a lingua portuguesa—respondeu-me com a bondade paterna que ainda conserva.

CONSIGLIERI SA PEREIRA



A mulher sem camisa...

NÃO há ditadura mais implacável do que a da Moda. A sua mais ligeira determinação, tudo desaparece ou se transforma. As mulheres, principalmente, são as suas escravas. «Se as mu-

lheres não obedecessem à Moda — perguntava um dia Albert Guignon — a que poder obedeceriam elas no mundo? Na verdade, a Moda impõe, ordena, subjuga — e, com o seu melhor sorriso, chega a seduzir. O que ninguém contesta é a força coerciva dos seus desígnios. Ela manda — e obedece-se; ela impõe — e toda a gente se curva. Nada lhe resiste — nem sequer aquilo que, durante séculos, se julgou ser uma das mais fortes armas do mundo: a camisa da mulher. De facto, a própria camisa feminina com os seus fortes séculos de existência e de preservação, até ela foi banida a um simples gesto da omnipotência da Moda. Quasi ninguém ignora que a mulher — pelo menos a mulher elegante — deixou, há tempos, de usar camisa. Por quê? Por economia, por capricho, por causa do calor, por que o homem lhe manifestou esse desejo? Não. Simplesmente porque a Moda lho impôs. Em vez de camisa, a mulher passou a usar — combinação. Para certos espíritos superficiais não haverá talvez diferenças sensíveis entre a combinação e a camisa, mas os verdadeiros sociólogos da roupa branca verão entre uma e outra pelos menos a exuberante diferença entre uma tradição secular — e uma inovação, caracteristicamente revolucionária, do século em que vivemos. Não falta quem afirme que a abolição da camisa, na mulher, é a transformação mais radical que a indumentária feminina sofreu durante séculos. Talvez — se atribuirmos à camisa de *notre sœur-farouche* o valor simbólico que, através dos tempos, a tem sollicitamente acompanhado. Como as próprias mulheres são as primeiras a confessar — veja-se por exemplo o que diz Victorina Duran num artigo da «Crónica», de Madrid — a camisa

desempenhou sempre um papel predominante na vida feminina, considerando-se prenda indispensável no culto do amor. Nunca mulher alguma, verdadeiramente digna deste nome, o ignorou. A camisa podia não ser sempre uma maravilha de costura, mas raramente deixava de ser uma arma de sedução. Se o homem feliz, a acreditar na fábula, era o homem que não possuía camisa, outro tanto se não poderia dizer da mulher — que durante anos e anos, só se considerava autenticamente satisfeita, tendo algumas dúzias delas. A camisa fazia parte integrante da psicologia ou, melhor, da intimidade psicológica feminina. A própria camisa dos desposados, essa camisa de ranzal fino que, na Idade-Média, era o homem que não possuía camisa, outro tanto se não poderia dizer da mulher — que durante anos e anos, só se considerava autenticamente satisfeita, tendo algumas dúzias delas. A camisa fazia parte integrante da psicologia ou, melhor, da intimidade psicológica feminina. A própria camisa dos desposados, essa camisa de ranzal fino que, na Idade-Média, era o homem que não possuía camisa, outro tanto se não poderia dizer da mulher — que durante anos e anos, só se considerava autenticamente satisfeita, tendo algumas dúzias delas.

verdade, o encerramento dum larguíssimo ciclo de «coquetterie». Aqui está um assunto que me permite a liberdade de sugerir a qualquer dos meus ilustres consócios dos Arqueólogos: A camisa da mulher na arqueologia — e na intimidade.

* * *

Não se torna fácil — porque não reconhecê-lo sinceramente — fazer, em síntese, a história dum coisa tão antiga, tão profunda, tão reflexiva e de tão largas expressões na vida social. A história da camisa constitui, de certo modo, durante séculos, muito da história da mulher e do amor — e, como sabem em matéria de amor e de mulheres por mais que se escreva fica tudo sempre por dizer. São Jerónimo foi — quem o havia de imaginar! — o primeiro historiador da camisa. Que ao escrever estas breves linhas, São Jerónimo me inspire — e me valha!

Certos documentos do século VI mencionavam já a camisa como peça de vestuário. Mas foi na Idade-Média que a camisa feminina — e digo camisa feminina porque só a essa pretendo agora referir-me — iniciou verdadeiramente o seu reinado de muitos séculos. Era uma espécie de túnica até aos pés, feita de tecido leve, usada pelas mulheres apenas durante o dia — a camisa de noite só apareceu mais tarde — e a qual se ligava um certo simbolismo, não apenas amoroso, mas religioso. Com frequência as mulheres ofereciam as suas camisas aos ho-

mens que partiam para a guerra como testemunho da sua constância e da sua fidelidade amorosa. Por outro lado, o gesto de Santa Fredegunda, depositando sobre um altar a sua camisa, como prova de fervor espiritual, repetiu-se incessantemente. Entretanto, a camisa ia ganhando em requinte o que perdia em simplicidade. Pouco a pouco foi-se adornando de laços, de rendas, de ficos de ouro, — algumas chegaram mesmo a polvilhar-se de pérolas; tomou-se ainda mais «coquette» do que a própria mulher que a usava; acabou por exigir um protocolo, um ritual; à sua volta criou-se uma autêntica corte de adúladoras e de adúladores; e, desde a camisa de Ana de Áustria à «Lola» do cinema espanhol, desde a camisa de Maria Antonieta, autêntica obra-prima de luxo e de galanteria, até à camisa de Miss Mary da «Reliquia», aromatizada de violeta, essa aparentemente fútil peça de vestuário desempenhou no mundo um papel histórico preponderante — até que a combinação a substituiu. Possível é que a volubilidade da Moda volte a ressurgir a camisa da mulher «chic». De resto — já o notava uma senhora ilustre — quando o homem está diante cada vez mais a camisa um valor representativo — há camisas verdes, negras, castanhas, azues, etc. — porque não há de restituir-se à mulher a sua transparente companheira de tantos anos? Pela minha parte, permito-me desde já, gritar para que todas as mulheres me oçam: — Abaixo a combinação!



A camisa nos fins do século XVII — Estampa da época



A camisa no fim do século XIX — Litografia da época

PESCADORES de amanhã!

O mar foi sempre o sonho dos portugueses. Na braveza das ondas, na imensidade azul das águas houve sempre um aceno garrido da aventura que fascinou a alma lusitana. O mar belo chamou o português — e ele, afeito às perigosas jornadas, correu, à porfia, caminhos longos, numa ânsia de conhecer mundos. Se Portugal se estendeu por aí fora e pôs, em cada continente, uma bandeira desfraldada ao vento da glória, apenas se deve ao seu espírito de aventura, à sua alma sonhadora. Se o português foi o primeiro marinheiro, também foi o primeiro pescador. Nas tarefas árduas das descobertas, arcaibóis batidos dos nordestes agressivos, nunca o marinheiro lusitano esmoreceu. Quanto maior era o perigo, mais a sua indômita valentia redobrava. Era preciso vencer — e ele, corajosamente, punha o peito aberto à luta. O homem do mar é rude. Só conhece uma linguagem — a do perigo; só tem uma crença — a da vitória. O barco baloiça, embalado, nos cachões das ondas impetuosas; já o vento forte levava, borda fora, meio mastro estilhaçado, mas nem uma ponta de receio tolda, ao pescador, os olhos de valente. Está no seu pósto, altaneiro, voluntarioso; venham nortadas, bata a chuvada, abra-se o céu ao estrondo dos trovões — o barco caminha, nessa estrada longínqua, imensa, sem fim, que é o mar. O pescador tem, na alma forte, os estigmas da audácia que, na tradição, fez forte a nossa raça. Conhece os combates duros com o mar. Sabe que ele é traiçoeiro, muitas vezes. Lembra-se de tantos que, empurrados fatidicamente pelos vagalhões sinistros, no meio das ondas encontraram guarida, pensando nos seus, lá longe na terra. Não tem terror ao mar — mas respeita-o. Pelo próprio marulhar das ondas sabe quando ele está manso e quando se revolta na fúria indômita da desgraça... Quando vai para a pesca, leva o coração cheio de esperanças. Pode ser que a pesca seja boa. Há-de voltar. Em casa, no pobre lar, ficaram os seus, a mulher e um rebanho de filhos, o seu enlévo. Há-de trazer pão para todos, porque o mar é o seu celeiro. De manhã, eis que se lançam as rédes, numa cantilena que é um hino ao trabalho. Já o barco se fez ao alto, há três dias. Os porões estão atestadinhos. Cada um lança, para si, boas contas. E faz-se o regresso. Quando chegam à praia, o barco apita, vitorioso. Todos o esperam. Abraçam-no — os filhos puxam-lhe pela manga da grossa camisola que vem salpicada de salmoura. E o pescador, o valente, que tem alma, que sabe vibrar, que conhece os rugidos do mar e o reventar forte das tempestades, fica com os olhos rasos de água ao primeiro beijo do filho.

É que ali, junto de si, está o seu lar — lá fora, ao largo, baloiçando, está a sua vida.

* * *

«A pesca não se aprende em livros» — todavia, há em Lisboa uma escola de pescadores. Evidentemente que não se vai ensinar, teoricamente, como se lançam as rédes, como se puxa um cabo — ou como se faz a secagem do bacalhau. Todavia, a Escola dos Pescadores, que funciona em Pedrouços, a dois passos da praia, tem um papel impor-

tantíssimo a desempenhar no aperfeiçoamento profissional dos nossos pescadores. A escola fez-se para os filhos dos pescadores, para aqueles rapazes que, por tradição, têm já atrás de si uma dinastia de trabalhadores do mar. Estão ali internados seis meses, período em que, a par da teoria, tomam contacto com a vida da pesca, embarcados numa traineira que vai barra fora. Em aulas aprendem os nomes e o manejo dos apetrechos com que vão lidar, como devem remendar as rédes, consertar um cabo, e, até, tomar rumo por meio das agulhas. Para isso têm professores especializados, oficiais da nossa marinha, que dão aulas todos os dias. Falámos com um pequeno pescador.

Miúdo e franzino, olhos vivos, uma pele requemada, já com um cheiro a maresia nas farripas do cabelo. Tem doze anos, e nasceu em Setúbal numa casinha pobre que as ondas alterosas encharcavam, em dias de tempestade. O pai foi pescador, andou uma vida inteira no mar, desde catraio, à pesca da sardinha. Um dia não voltou mais — nem o barco — o «Boa Viagem».

— Eu penso, meu senhor — disse o garoto, com o olhar triste — que o meu pai ainda anda por aí. O mar é tão grande!

— Tu gostas do mar?

— Se gosto! Até me sinto outro! Quem me dera poder já embarcar... O meu avô foi pescador, o pai dele upa, upa, até tinha umas grandes barbas! Eu quero, também, ser pescador!

E, depois, com certo brilho no olhar azulado:

— Quem sabe se ainda um dia encontrarei o barco do meu pai!...

* * *

Quando chegámos à Escola dos Pescadores, os alunos, em diferentes aulas, davam as suas lições. Alguns, num grande terraço donde se vê o mar, cosiam rédes. O mestre, junto deles, corrigia algumas deficiências. Na parte da manhã, até ao meio dia e meia hora, as aulas são teóricas; depois dessa hora almoçam e, seguidamente, partem para o rio em treinos de embarcação. Têm escaleres, uma traineira e barcos à vela. Os monitores que os acompanham são antigos marinheiros, com longos conhecimentos, que dedicadamente vão preparando aqueles novos pescadores para as árduas tarefas do mar. As escolas de pesca deviam existir em todos os centros piscatórios. Só assim, na realidade, se poderia dar maior incremento àquela bela iniciativa de valorizar os elementos trabalhadores duma nação. Todavia, o que se está fazendo representa já alguma coisa de apreciável. A Escola Profissional de Pesca não tem em vista, como já se disse, fazer marinheiros. Ela visa unicamente aquela população de rapazes que, por terem nascido em centros piscatórios como a Nazaré, Sesimbra, Aveiro, Setúbal, Vieira, sentem pelo mar uma fascinação. E não se vá pensar que os programas são simples — pelo contrário, os rapazes terão que estudar com afinco. Assim, por exemplo, o da marinharia abrange: Tipos de embarcações miúdas e barcas de pesca; ferramenta; nomenclatura; armação e tipos de vela usadas; massame; cabos usados nos barcos de velas; mastreação e velame; âncoras e amarras; aproveitamento do vento. Tudo isto constitui temas das lições. Noutras aulas aprendem os sinais sonoros, os sinais visuais e de perigo e as regras para evitar abaloamentos.

Porém, para o moço pescador os treinos feitos no rio dão-lhe um contentamento expressivo. E vê-los, tódas as tardes, mesmo defronte do padrão do Infante D. Henrique, meterem-se nos escaleres, remarem vigorosos como se fossem, na realidade, verdadeiros pescadores. Em certos dias partem para a pesca do alto, numa traineira. Aí a faina é mais rude. Têm que vivê-la no meio dum esforço exaustivo mas que alegre, sempre cantando. E quando voltam à escola, à boquinha da noite, trazem nos ouvidos o rugir bravo do mar — e o desejo forte de lá voltar para o ouvir.

E deitam-se nas suas camaratas ao toque de silêncio. Talvez sonhem com os grandes círcos, as aventureiras emoções da pesca da baleia, correndo nos pequenos «dóris» à pesca do bacalhau. E toda a grande esperança é estudar, aprender na escola para embarcar o mais depressa possível, de camisola azul, todo archo, com a cédula no bolso. O mar, êsse, lá o espera, para o rude combate!

(Fotos Seródio)

MANUEL MARTINHO



Olha o lugre!



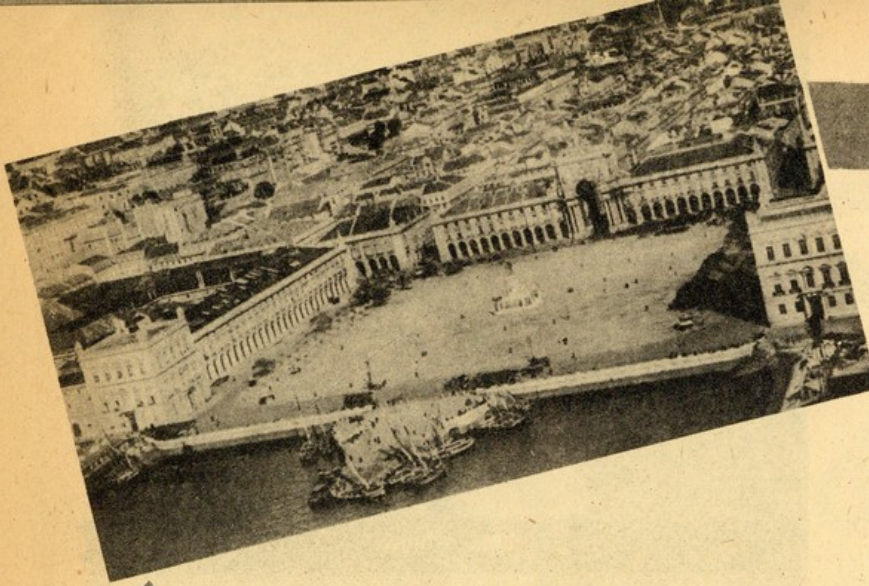
Rema forte!



Folga pano...



A todo o pano...



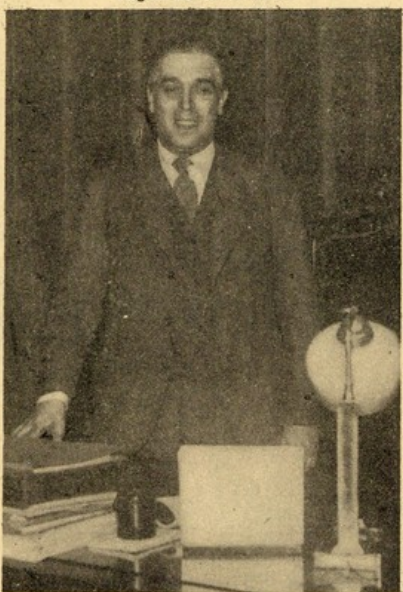
LISBOA governa as PROVINCIAS MAS SÃO DA PROVÍNCIA OS HO- MENS QUE GOVERNAM EM LISBOA...



O capitão de mar e guerra Ortns de Bettencourt sobraça a pasta da Marinha desde 1936 e é natural de Graciosa, nos Açores — representando, portanto, no governo o Portugal de além-mar.



Dr. Francisco Vieira Machado, ministro das Colónias, desde 1936, depois de ter sido Sub-Secretário de Estado das Colónias, é o único lisboense que ocupa lugar no Governo...



Eng. Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas, com ligeira passagem pela presidência da Câmara Municipal, desde 1932, é natural de Loulé.



O Dr. Mário de Figueiredo, ministro da Educação Nacional a partir de 1940, é natural de Vizeu.



Dr. Rafael Duque, antigo ministro da Agricultura, Comércio e Indústria passou a dirigir a pasta da Economia. É natural do lugar da Mata, do concelho de Tôres Vedras.



Dr. Vaz Serra, nasceu em Coimbra e é Ministro da Justiça desde 1940



Dr. Mário Pais de Sousa, que pela segunda vez, a partir de 1936, sobraça a pasta do Interior, nasceu em Santa Comba Dão.



Dr. Pinto da Costa Leite, sobraça a pasta das Finanças desde 1940 e é natural do Porto.

LISBOA, esta cabeça do Império que pensa, sente e resolve por mais de vinte milhões de habitantes — não é governada por lisboenses.

Estará bem? Estará mal?

Os factos dizem que o acaso acertou — e o acaso, aqui em referência, quer dizer que o ter-se ido buscar os ministros aqui e acolá, não teve em conta a terra em que nasceram mas o mérito pessoal de cada um...

Este burgo inquieto que é Lisboa, grande aldeia num país pequenino de aldeias de presépio — é entretanto o centro de uma célula vital, de uma célula de vida, de nacionalidade, de interesses e de anseios. E o cruzamento de todos os destinos do cidadão português — o lugar

onde desaguam, em última instância, todos os problemas de cada um de nós, os que vivemos e somos de cá, os que não vivem nem nunca aqui vieram: problemas de terra e do mar, dívidas e heranças, nascimentos e óbitos, crime e valor, desgraça e alegria...

Pois bem: poderia parecer que os homens que governam de Lisboa, de Lisboa deviam ser — dentro do mesmo raciocínio infantil e simplista, está claro. Mas, afinal, dentro do mesmo raciocínio ingénuo, chegamos a outra conclusão: todos os ministros são de fora — com exclusão de uma honrosa excepção, para confirmar a regra.

Corolário?

Pode ser: Lisboa, que governa as províncias, é governada por homens da província...

É que Lisboa, terra boa e generosa onde cabem os interesses de quantos portugueses andam por essas cinco partes do mundo — quis também que as suas províncias mandassem para a cidade os arautos dos seus anseios, do seu carácter e do seu povo. Lisboa grande — abre os braços fraternais a quem vem por bem e por bem quer cá ficar...



Dr. Oliveira Salazar, Presidente do Conselho desde 1932, ministro dos Negócios Estrangeiros e da Guerra desde 1936, nasceu na aldeia do Vimieiro do concelho de Santa Comba Dão.



O FILME

de uma família

PORTUGUESA

NA America

AQUI está uma pergunta que muitos terão feito quantas vezes: como vivem os portugueses na América?

Esse viver deve ser para bastante gente um mistério. Vão para lá pobres ignorantes, êsses rapazes provincianos que um dia regressam com dentes de ouro e libras a cantar na corrente do relógio. Mas o que fazem, como é o seu dia-a-dia — não se sabe, a não ser por meio dos seus próprios relatos maravilhosos em que às vezes o nosso povo ingénuo nem acredita. Todavia, êsses operários, pescadores, pequenos comerciantes — gente modesta e honrada que a grande nação americana acarinha e compreende, vive a sua epopeia de trabalho que o conforto largamente indemniza. Vai realmente longe o tempo em que o emigrante português se ficava agarrado a costumes de aldeias recônditas, para amedilhar e regressar um dia à terra natal cheio de dólares, uma casa de «americano» que fazia inveja à do «brasileiro» e o mesmo espírito retrógrado que o levava em busca de aventuras mas lhe não dera gosto pelo prazer espiritual do bem estar que a vida nova lhe oferecia. Hoje é êsse gosto, essa aspiração legítima que o faz partir da aldeia pequenina de terra cansada e braços de homens exaustos. Vai, pois, Triunfa como os mais. E as suas casas, o seu viver, a sua actividade, são um modelo fortalecido pelo amparo social e o sentimento carinhoso do Governo — aqui, americano — e um exemplo, criando novas raízes de entendimento universal.

Em troca dessa contribuição moral e de trabalho — a terra hospitaleira dá-lhe uma casa rodeada de conforto, de sol e de alegria, como neste filme que vamos revelar.

Protagonistas: Manuel Maurício, de 42 anos, ido de Portugal com 8 anos; a sr.^a Maurício — alguma coisa mais que trinta anos — filha de portugueses, nascida em New Bedford a filha do casal — Juliette, de 14 anos, estudante de uma escola do ensino secundário de New Bedford...



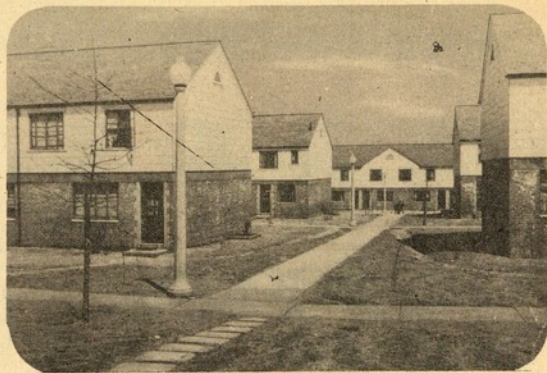
O sr. Manuel Maurício



A sr.ª Manuel Maurício



e sua filha Juliette



É numa casinha destas, do Massachusetts, que vive a família Maurício. Neste bairro de operários, ela paga pelo seu apartamento 5 dólares e 50 centavos por semana, incluindo o uso de aquecimento para o inverno, electricidade e gás. No meio de tantos portugueses e americanos descendentes dos portugueses — vive uma chama de Portugal...



Ele é um hábil pintor e ganha 100 dólares por mês, durante as estações. No inverno, vivem todos do dinheiro economizado no verão. Enquanto ele trabalha...



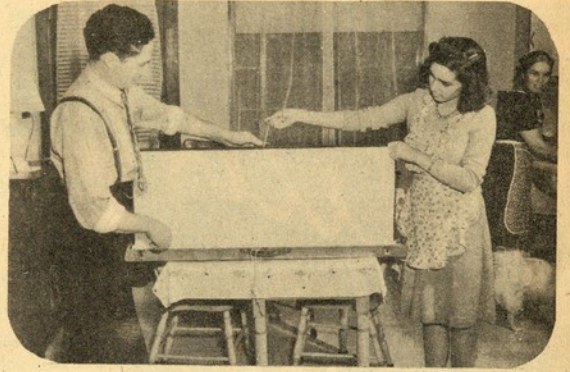
...a mulher, que é económica e conseguiu arranjar verba para comprar uma invejável «frigorifero» eléctrica.



...entrega-se ao serviço da casa, aligeirado pelo conforto que lhe oferece o progresso, ao alcaçar de todas as bolsas modestas...



Entretanto, bateram as 3 da tarde. Juliéte regressou da escola, onde está a tirar o curso comercial, e sai com a mãe a fazer compras, para que, como ela, venha a ser uma ótima dona de casa. Depois de comprarem maçãs, vindas do Oeste americano...



...e vem o verão. Prepara-se a tela de projecção. Vai ser corrido um filme engraçadíssimo, realizado pelo sr. Manuel Maurício. E, além deste filme, alugaram um jornal de actualidades e uma comédia sentimental...



...compram o mais para dois dias. Faltam só o pão e o leite, que esses são entregues no domicilio...



Tudo isto é muito mais económico e divertido do que sair à noite. Até a cadelinha «Milly» se riu...



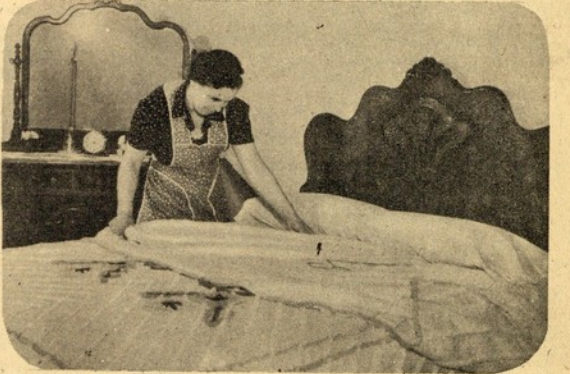
Em casa fazem as contas ao dinheiro e às compras: fruta para salada, laranjas que dão bom sumo e flocos de milho para comer de manhã...



Enfim, acabou-se a distração. Juliéte, vai preparar as suas lições para o dia seguinte — um ponto escrito sobre «o que significa ser americana»...



...Até que chega a hora do jantar: linguça e comoetes à portuguesa, salada de alface e puré de batata. O vinho, que o próprio Maurício preparou é excelente e a sobremesa não lhes falta o café...



...enquanto os pais regressam ao quarto contíguo do seu, para descansar. A cozinha está arrumada, toda a lida está em ordem e, agora, não há mais que repousar para recomeçar no dia seguinte...

7 dias de CINEMA

Por FERNANDO FRAGOSO



Uma imagem do «Filho da Selva». Saba e os seus dois companheiros: a pantera negra e o lobo branco.



Lorraine Day, a gentilíssima enfermeira dos filmes da série «Os Kildares», «posas» para o fotógrafo com o seu cão «Príncipe Igor».



Walt Disney e o major Alexandre P. de Serevsky durante uma conferência no estúdio relativa à última produção de Disney, «A vitória pelo domínio aéreo».

A GUARDAVA com a maior ansiedade «O Filho da Selva». Por muitas e variadas razões. Mas aguardava-o com temor de uma desilusão—tão difícil se me afigurava traduzir no cinema, o maravilhoso fluído da lenda e da fantasia, que envolve a obra de Kipling num halo de encantamento e imaterialização. A aventura de Mogwli, o menino criado pelos lobos no meio da selva impenetrável, transportada para a tela poderia reduzir-se às proporções dum Tarzan melhor... ou pior... As minhas apreensões tinham razão de ser. «O Filho da Selva», na sua versão cinematográfica, está mais próximo de Edgar Rice Burroughs do que de Rudyard Kipling...

* * *

É sempre muito difícil—e extremamente melindroso—adaptar ao cinema uma obra consagrada. Não quer dizer, porém, que não seja possível—e que não haja resultados maravilhosos a assinalar. Para falar nos mais recentes, e citemos ao acaso, «Rebecca», «O Monte dos Vendavais», «E tudo o vento levou», «O vale era verde» e «Mrs. Miniver»—cujos autores cinematográficos souberam encontrar, dentro das fórmulas de expressão do claro-escuro animado, os valores equivalentes aos da obra literária.

Quando, porém, os filmes vivem dum «clima» próprio, criado pela música das palavras, pela forma literária, ou pelo ambiente fantástico e irreal e impalpável, que comanda o desenvolver da própria acção—a tarefa de encontrar o equivalente em imagens torna-se árdua, para não dizer—impossível. Foi essa a razão por que falhou «O Pássaro Azul», de Maeterlink—e porque não encontramos em «O Filho da Selva», a presença inconfundível de Rudyard Kipling—e até da Índia milenária, que ele tão bem soube cantar!

E, no final do filme, adquirimos a convicção de que um único homem em Hollywood poderia tentar a tarefa onde os outros sossoberram... É esse homem é Walt Disney, poeta e trovador, que tão bem sabe entender e traduzir a «alma» dos animais—e o mistério insondável do seu coração e do seu entendimento.

* * *

Não basta copiar fielmente os heróis dum romance, para os erguer diante dos nossos olhos à altura em que os colocámos. Não basta seguir, servilmente, o descritivo literário para «desenhar» as figuras tal como as «vemos», e fantasiarmos através da leitura dos autores que as concebêram e criaram.

Assim, por exemplo, quando lemos um romance de Eça, «esquecemo-nos» de que o Primo Basílio usava flamantes bigodes—e que Luiza subia as escadas do «Paraíso», varrendo os degraus com os vestidos de então... Sem que nos demos conta—imaginamos um Basílio e uma Luiza, à imagem e semelhança de quantos conhecemos, com idênticas aventuras e idênticos pecados. E se amanhã, por hipótese, um cineasta se lembrasse de seguir à risca o descritivo de Eça, teríamos inevitáveis desencontros entre as imagens que resultariam da observância escrupulosa das indicações que na obra se contém—e aquelas que vivem e palpítam nas asas doiradas da imaginação de cada um de nós.

E é por isso, que até quando se pretende integrá-los no ambiente próprio, há uma medida de «estilização»—passe o termo—que está para a verdade, como o manto diá-

fano da fantasia, de que nos falava o próprio Eça...

* * *

Com estes devaneios, quasi nos afastávamos de «O Filho da Selva»—a que começamos por nos referir. Assente, a «priori», que Kipling foi traído, encaremos a obra com espectáculo. E se bem que, sob este aspecto, ainda haja restrições a fazer—estamos agora mais à vontade para falar de película de Korda, que dentro da tradicional visão comercial daquêlê produtor, é um «divertimento», que encantarà grandes e pequenos—mòmente se os «grandes» souberam acordar, em si, os ecos daquêlê entusiasmo de adolescentes, que nos fazia «devorar» com sofreguidão os romances de Selgari e Júlio Verne, aventuras fantásticas e maravilhosas em paragens exóticas.

A Índia é um tema inesgotável, tanto para o cineasta como para o romancista. Nas florestas imensas, em regiões hoje quasi inacessíveis, erguem-se templos fabulosos, qu são marcos milenários da grandeza de outras eras... Em ruínas de impressionante beleza encastoadas num mundo verde, povoado de fauna inquietante, essas pedras encerram na sua mutez eterna, o segredo de esplendores jámais sonhados. Depois, a própria índole do povo, milhões de seres humanos de raças diferentes, divididos pelas regiões e, dentro desta por seitas, falando cada grupo línguas dissemelhantes—tudo contribui para tornar a Índia num tema apaixonado, num rincão eternamente desconhecido.

«O Filho da Selva» passa-se, em grande parte, na selva densa, onde as feras se acoitam, e o sol não consegue vencer a rede inextricável da ramaria. A apresentação da floresta, de árvores gigantesas, sintonia de verde e de sombra, povoada de «estranhos seres, em lutas feroces pela existência; os rios enegrecidos, onde os grandes crocodilos pairam, silenciosos e imóveis à espera da presa; a vegetação luxuriante, que rasteja pelo chão ou se enroscas nas árvores, em busca de sol, que não atravessa o docel da folhagem; as aves, de asas brancas, que voam, de ramo em ramo, e que põem uma nota de claridade no reino das trevas— a selva, em toda a beleza e em toda a grandeza, surge neste filme focada e fotografada com uma mestria surpreendente! E só essa visão, vale o filme—porque constitue um espectáculo raro!

Os bichos, desde a pantera negra, de olhos coruscantes—até ao tigre, Shere-Khan, o assassino que mata por prazer, num mundo onde os outros só matam por necessidade—os bichos dizíamos, as tímidas gazelas, os elefantes imponentes, e os macacões em eternas diabruras, todos foram fotografados com um carinho, com uma perfeição invulgares! E foi talvez por isso, pela impressão de haverem sido surpreendidos pela objectiva, sem que se dessem conta, no seu próprio elemento, que tanto me affligiu aquella cobra de papelão, que se limita a deitar a língua de fóra, em «gros plan», e que fala com a voz cavernosa e asmática de Eugene Palette.

Estes altos e baixos não apareciam, por exemplo, em «Quatro Penas Brancas» e no «Ladrão de Bagdad», que tinham uma unidade, de acção e de estilo que a própria planificação, no caso de «The Jungle Book»—prejudica.

* * *

A côr é mais uma vez a vedeta! A preto e branco este filme seria banal—e quanto muito suportável.

Saídemos a nova conquista da arte cinematográfica, água lustral das deficiências do espectáculo do claro-escuro animado—miséria e grandeza de tantos filmes que temos visto.

SEM o trabalho a existência não teria explicação. É a única forma onde a vida encontra o apoio de beleza. No ritmo nervoso do trabalho há uma penumbra de poesia, de entusiasmo, de virilidade que é um cântico de triunfo. Ontem era o homem que descia às minas a revolver o ventre da natureza; que ia ao cimo das montanhas erguer um cruzeiro; que chamuscava a ganga no fogo da forja; que, de enxada aguçada, abria a terra em sulcos e, de picareta, rasgava, nos longos caminhos, uma estrada plana; hoje vem já a mulher nas suas peugadas como companheira e trabalhadora.

A mulher do nosso século trabalha como o homem — veste ganga — e é engenheira puxa do compasso e do esquadro e traça um alçado, agarra no barro e, com dedadas, faz um busto.

Em Portugal, temos hoje engenheiras, arquitetas e escultoras; médicas e advogadas; operárias e dactilógrafas; aviadoras e, até, políticas.

Isto quer dizer que a mulher tenha fugido ao lar? De maneira alguma. O lar é uma função. Dentro, dele, ela é uma pequena rainha. Sabe, como ninguém, enchê-lo daquele suave perfume e daquela boa ordem que regalam os olhos e cultivam o coração. Simplesmente, os tempos mudaram; dia a dia, as dificuldades económicas foram de tal forma alarmantes, que a mulher que encontrava no matrimónio o ponto final do seu problema, viu-se na necessidade de descer à liça e, pelo trabalho honesto, achou a sua manutenção.

Um século atrás, o romantismo desenfreado, lânguido e sonhador, tinha pôsto diante da mulher um horizonte nebuloso onde havia ao longe, correndo na estrada poeirenta, cavaleiros embuçados, de belas sulcas, que lhe acenavam com rosas e promessas. A alma feminina vivia dum boceado de luar, das meias tricotadas para o asilo, quatro bocetos e dois romances de cavalariá, lidos à pálida luz do petróleo. O amor era, como dizia o poeta, eum ai, um beijo e uma lágrima. Fechada em casa, espriantando a rua e o movimento de algum dia solene pelas vidraças embaciadas, a mulher era como a Primavera que se estiolava na tepidez duma estufa. As famílias burguesas tinham, para as boas filhas — aquelas que, mais tarde, fugiam pelo lençol, numa noite escura — uma velha professora que ensinava a matraquear ao piano o «Adeus» e um pouco de francês, para marcar uma quadrilha. De conhecimentos da vida, mais nada. Mais nada, não é bem assim: sabiam fazer doces pelo livro das receitas...

Veio, porém, a evolução da sociedade na sua marcha lenta mas perfeita. Outros problemas começaram a agitar o mundo. O homem lutava para se engrandecer e, lá de fora, dizia-se que a mulher o acompanhava, compartilhando das suas amarguras e dos seus triunfos. E a mulher começou, também, a querer o seu quinhão da vida. Entrou pelas universidades, invadiu as repartições, sentou-se nas cadeiras do ensino — e à cabeceira dos enfermos. Vestiu a bata — e foi generosa enfermeira na

a mulher PORTUGUESA

NAS DIVERSAS PROFISSÕES

guerra. Vestiu a ganga — e foi hábil operária ao tear. Na cruzada do trabalho, engrandeceu-se e conquistou o direito legítimo de viver sem a ajuda de ninguém.

Em Lisboa a mulher trabalha em quasi todos ou todos os sectores da actividade. Não só nas repartições públicas, por onde se contam aos milhares, desde os humildes lugares da limpeza até aqueles da maior responsabilidade de chefia. Nos tribunais, há réus que são defendidos, e com brilho, por mulheres de stogas que, eloquentes e de grandes gestos oratórios, citam o código e pedem justiça.

Nas enfermarias, nas maternidades, nas casas de saúde, desveladas e carinhosas, as médicas, de bata branca cruzam os longos corredores. Nos laboratórios, em experiências de química, velando pela saúde alheia, num gesto de larga filantropia, a mulher estuda, analisa, no meio de provetas, de tubos de ensaio, de ácidos anidridos. Nas fábricas de tecelagem, nos grandes armazéns, nas próprias oficinas de floristas elas trabalham, conscienciosamente, pelo pão de cada dia. Há profissões, porém, que foram talhadas mesmo para as mulheres. Por exemplo, a do ensino. A professora das primeiras letras vive junto das crianças — já por que o seu coração de mulher melhor pode compreender todas as inquietações dos pequenos alunos, já porque, dotada de expansivos carinhos sabe, como ninguém, acalentá-los a toda a hora. É uma das melhores obras — e aquela, sem dúvida, que oferece a garantia dum sociedade melhor.

Nos escritórios, nos bazares, nas tabacarias, nos fanteiros, nas fábricas, nos «ateliers», a mulher ocupa, hoje, o seu lugar. E é ver, ao cair das sete, quando o comércio fecha as portas ao público, as ruas da Baixa encherem-se de lés-a-lés dessa população trabalhadora que volta, depois dum dia de

labor, para casa, à espera da manhã seguinte... Aos pares, às dúzias, gentis costureiras ou empregadas de balcão põem uma nota de enternecível alegria na monotonia das ruas, já vazias do mundo elegante. É uma mocidade de trabalho que desfilia, em parada. Algumas levam ao lado o rapaz do bairro, empregado da loja defronte, e que é seu par no endiabrado «swing» da sociedade vizinha. E têm elegância os seus vestidos modestos, cingidos ao corpo, com pregas do último figurino e fazendas de «saldos»...

A mulher grita pela emancipação. Quere ser livre e fugir do jugo do homem: Ela também sabe pensar e governar-se pelas próprias mãos. Conhece as amarguras e quanto custa o pão de cada dia. E o homem dá-lhe o direito ao trabalho. Já há homens que empurram os carrinhos e metem a chupeta na boca do bebé. Pouco faltará para que ele fique em casa a abanar o lume e a pendurar a roupa no saguão. Simplesmente, o homem não pode dar ao lar o que a mulher concede: suavidade, harmonia, bom gosto, e arroz sem ser esturrado. A mulher é sempre, neste ponto de vista, mais que o homem: além de trabalhar, poderá ser mãe e companheira. O homem é pai — mas não tem o calor e os carinhos para o criar. A mulher criou personalidade no trabalho, na luta. Tem um querer, uma ambição legítima: o direito de viver.

Eis porque a mulher se engrandece, trabalhando.

M. M.



É costureira...

Veste os vestidos que as outras vão comprar...

É caixa...

Na farmácia manipula remédios...

E arranja as «garras» com que elas nos acarinham...

Vende a vaidade de Eva

CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE CLARINHA

PARECE impossível minha prima, mas a verdade é que em 1943, com todo o ar grave que a guerra — esta infundável guerra — mostra, ainda há gente que se casa. Eis uma heroicidade que se confunde com a loucura. Casam-se quando a vida está pela hora da morte. Consulte o «carnet-mondain» e veja, minha prima. Todos os dias, à excepção das terças e sextas (tidas por agoirentas como as borboletas pretas) há mãos que se entrelaçam, sob a bênção risorinha do sacerdote. Ela vai vestida de branco, envolta numa diáfana nuvem de tule — e sorri; ele vai de casaca ou de fraque — e chora. Nunca a lágrima e o sorriso se parecem tanto como naquele momento em que a marcha nupcial de Grieg sobe no ar em ritmos de incenso. Depois do «lunch», com os seus inevitáveis «petits pâtés à la reine», os noivos — a noiva de «tailleur», o noivo de cinzento — partem para o Estoril ou para Sintra. Alguns mesmo aventuram-se até ao Buçaco ou Santa Luzia.

Dias depois, passada a lua de mel, começa, quantas vezes, a lua de fel. Instalaram-se em casa. Pendeu a flor de laranjeira. Ela já chora, ele já ri. O a vida do «ménage» principia — doce, «malgré tout», se a acompanha a confiança e o dinheiro indispensável; tormentosa se a confiança foge e o dinheiro não chega...

Minha prima, perdê-me. Tanta palavra para lhe dizer apenas isto: — que se case! Quando os trinta anos se aproximam duma mulher, essa mulher não pode hesitar. Para os homens o casamento será um simples estado; para as mulheres — é uma necessidade. «A quelque chose, malheur est bon». Não se demore. Não perca tempo. A mulher que não casa até aos trinta e um, aos trinta e dois — rebenta... Como no jôgo!

E sobre tudo isto, minha prima, deixe-me abraçá-la com a mais acarada ternura, e cá fico esperando a participação do seu divórcio.

MORENINHA

FILOSOFIA

— **Q**UAL a melhor forma de suicídio?
— A velhice.

LORD GUILHERME



Corre aqui, corre ali, não tem parança:
Paris, Londres, Berlim, Roma, Madrid...
Anda sempre a correr d'aqui p'ra ali
Numa vertigem que jámais se cansa.

Cultiva o sorriso como cultiva a dança.
Gosta de licor, whisky e Paraty.
E tem olheiras como seu nunca vi
Nem nos arquivos capilares da França.

Risonho incensador de mil deidades
Que acompanha solícito, incansável,
Por campos, vilas, montes e cidades,

Tem um único repouso: é o trabalho!
E aqui está em verso memorável
Lord Guilherme Pereira de Carvalho...

UM BIFE

ENCOTRAMOS, uma noite destas, no «Palladium» o dr. João Valério, illustre caricaturista, ceando um opulentíssimo bife com batatas fritas. Mais uma vez se repete a célebre frase do Hamlet:
— To bife or not to bife!

BOCAGE

E já que falamos em bifes, recortamos este episódio duma recente compilação de ditos bocageanos feita por Carlos de Menezes.

Bocage entrou, uma noite, no «Nicola» e mandou fazer um bife. Passado certo tempo, o criado trouxe-lhe, no fundo dum prato, um bife verdadeiramente microscópico. O poeta pegou no prato, examinou o conteúdo, cheirou-o, e entregou-o de novo ao criado:
— Gostei da amostra. Podes mandar fazer o bife!

O DISCIPULO DE MALHÓA

UM dia, corrigindo o quadro dum seu discípulo, dizia Malhóa:

— Não está mau, não está mau...
A boca da figura de mulher é que lhe falta vida, expressão...

Logo o discípulo:
— Agora reparo, senhor Malhóa, que me esqueci de lhe pôr carmim!

O SERMÃO

HAVIA um padre no Minho que costumava demorar terrivelmente os sermões. Uma ocasião — pregava ele o Sermão das Sete Palavras — os ouvintes começaram a sair, ora um, ora outro, ameaçando deixar a igreja vazia. Quando isto viu, o sacristão, também já enfadado de o ouvir, resolveu subir ao púlpito e entregar-lhe a chave da porta da igreja.

— Oh! senhor prior, faça favor de tomar conta da chave e quando se resolver acabar o sermão, tenha a bondade de fechar a porta.

CAPÉ-BIBLIOTECA

O «café» Chiado, agora à noite, dir-se-ia uma sala de biblioteca pública. Em todas as mesas se lê, e nem falta a presidir à leitura o sr. Gualdino Gomes — que foi da Biblioteca Nacional.

AS MULHERES DE SACHA

ESPALHOU-SE recentemente, em França, que Sacha Guitry ia divorciar-se pela quarta vez — para casar com Mademoiselle Perrière. Se assim fosse, à actual Madame Guitry — Madame Genevieve Guitry — estaria reservado o mesmo destino conjugal de Charlotte Lysés, Ivonne Printemps e Jaqueline Dubac. Será assim? Não será? O que parece certo é que Sacha gosta tanto das mulheres com quem casa — que não as quer gastar no seu uso doméstico...

«BODAS HELÉNICAS»

ANTÓNIO de Cértima publicou a 2.ª edição das suas Bodas Helénicas. Como se trata duma segunda edição, é fora de dúvida que estas bodas são as bodas... dumas segundas núpcias!

MULTIDÃO

NA penúltima terça-feira, saiu a multidão para a rua. Para quê, sabem? Para ver o sr. Leopoldo Nunes a dirigi-la...

A GRANDE BICHA

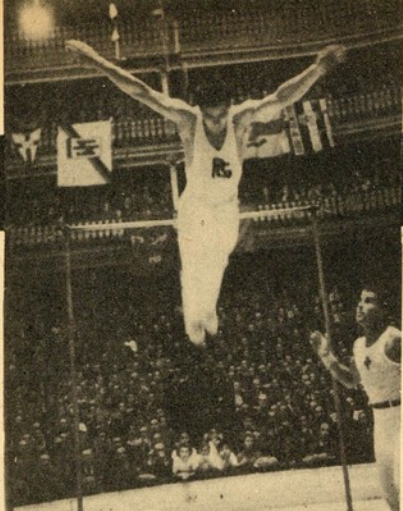
ANÍBAL Nazaré e Nelson de Barros estão a escrever uma peça: A Grande Bicha. Quem será a biografada?

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES

FESTIVAL DESPORTIVO

UM GRANDE EXITO DO

Lisboa GIMNASIO Club



Um motiva decorativo humano de rara beleza executado pelas raparigas do Lisboa Gimnásio Clube.



O jogo de pau não é coisa fácil ..



O público segue entusiasmado os atletas nos seus exercícios

NÃO é de hoje, pois vem de longe a preparação intensa que nos salões do Lisboa Gimnásio Clube se vinha realizando para as demonstrações que tiveram o ano passado o sabor de grande revelação, e que ainda há dias, no Coliseu dos Recreios, obtiveram um êxito que culminou o precedente. Atletas, gente disciplinada, não se faz de um dia para o outro. Tudo aquilo que apareceu na última grande parada é produto de uma grande boa vontade de dirigentes e dirigidos, é produto da máxima disciplina, de um sentimento de união e brio — digamos — técnico. De facto, é necessário que haja tudo isso em abundância num meio em que o individual atinge por vezes expressões capazes de inutilizar o esforço da comunidade. Dai, o brio que deve ser uma grande divisa dos rapazes e raparigas do Lisboa Gimnásio Clube, onde não se faz desporto por snobismo mas dentro da melhor compreensão da prática desportiva. O espectáculo do último dia 20 foi, na verdade, um grande motivo de orgulho para dirigentes e dirigidos. As fotos que publicamos apresentam algumas imagens desse magnífico festival desportivo que, esperamos, veremos repetido uma vez em cada ano, como uma realidade brilhante da mocidade do L. G. C. e uma demonstração do seu esforço desportivo anual...



Apesar da rede em baixo, o perigo de morte está sempre iminente



A multidão vibra no momento em que o trapeseista larga o trapeseio

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por **Carlos Ferrão** *

Capítulo IX - a França depois da derrota

I DE BORDEUS A VICHY

QUANDO a ofensiva japonesa culminou com a tomada de Singapura, bastião essencial no sistema defensivo dos anglo-americanos no Extremo Oriente, a guerra estava desenhada a nós seus aspectos definitivos. Guerra total, quanto aos métodos; guerra

de coligações, quanto à extensão e às características. Essa guerra havia de continuar implacavelmente em todos os teatros de operações, em terra, no mar, e nos ares, mobilizando todos os recursos dos beligerantes em potencial humano e em possibilidades económicas e industriais, e pondo em jogo todas as actividades no domínio da diplomacia, da política e da propaganda. Bem pode, portanto, falar-se, sem perigo de errar ou de exagerar, a partir da intervenção japonesa, e mais declaradamente ainda a partir da queda de Singapura, que constitui um facto capital na história do presente conflito, numa conflagração mundial com todos os seus inconvenientes, que, naturalmente, se não limitam aos países beligerantes e estendem o seu raio de estragos e prejuízos mesmo aos países que têm conseguido manter-se à margem do conflito armado.

A campanha da Rússia, iniciada em 22 de Junho de 1941, a batalha do Atlântico, e a continuação das operações no Extremo Oriente e no Pacífico, bem como a luta no continente africano e no Mediterrâneo, constituem as fases capitais dessa conflagração durante o segundo semestre de 1941 e o ano de 1942. Mas toda essa actividade militar e política deve considerar-se fundamentalmente condicionada pelo que se passou na Europa, depois da derrota da França e da campanha dos Balcanis, episódio que, afastando os ingleses do continente europeu, emprestaram à guerra uma fisionomia nova e completamente diversa da que se registou no decurso da conflagração de 1914-1918. Desejando dar à campanha da Rússia um lugar à parte nesta obra que permita encará-la em conjunto e nas suas linhas gerais, de preferência a uma pormenorização excessiva no plano da acção militar, faremos preceder o relato dessa campanha e dos outros acontecimentos militares a que acima nos referimos duma descrição, tão resumida quanto possível, sobre o que se passou na Europa.

A EXPLICAÇÃO DA DERROTA

Nesse relato terá, por todos os motivos, que reservar-se um lugar de relevo aos acontecimentos que ocorreram em França depois da derrota. Esses acontecimentos tiveram inalcáveis repercussões, não apenas no nosso continente mas no tocante à condução geral da guerra. Da atitude que a França, apesar da sua derrota militar, viesse a assumir, pode dizer-se que, em boa parte, dependia a marcha dos acontecimentos: na Europa, dada a irradiação e a influência daquele país; na condução geral da guerra, pelo facto de se tratar de uma potência colonial com vastos do-

mínios ultramarinos espalhados por vários continentes, e especialmente na África e possuidora de uma valiosa frota de guerra, sem dúvida a mais importante dos países continentais.

Os armistícios que completaram a derrota militar da França foram assinados em 22 e 24 de Junho de 1940, respectivamente com o Reich e com a Itália. No dia 25 de Junho iniciava-se, para aquêle país, uma vida nova, vida que devia naturalmente ser feita de sacrifícios e de isenção por parte de todos os seus filhos. O povo francês, no meio da sua profunda consternação, aguardava que lhe fosse dada uma explicação autorizada dos acontecimentos que, sucedendo-se com a rapidez de relâmpagos, haviam provocado o maior desastre militar da sua história. Essa explicação foi fornecida pelo novo chefe do gover-

no, marechal Pétain, que assumira a responsabilidade de liquidar as consequências da derrota, ao mesmo tempo que, pela continuação da resistência britânica, a guerra ia prosseguir. A França estava vencida em Junho de 1940; mas nessa data não estava ainda definido o vencedor da guerra, embora as probabilidades de uma vitória decisiva pendessem a favor do Reich e do seu aliado italiano. Como veremos no decurso deste relato, essa circunstância influenciou a marcha dos acontecimentos em França onde a opinião, desde logo, se mostrou dividida entre os que acreditavam que a vitória alemã se não faria esperar, devendo portanto a atitude do país ser definida no quadro dessa vitória, e os que esperavam que a resistência britânica, com a intervenção ulterior dos Estados Unidos, resultaria um condicionalismo novo dentro do qual

a França poderia defender, mais eficazmente os seus interesses.

O DISCURSO DO MARECHAL

Precisamente nesse dia 25 de Junho, o Marechal Pétain dirigia-se aos seus compatriotas para pronunciar um discurso rádio-difundido em que dava uma interpretação oficial da derrota do seu país, nos seguintes termos que hoje constituem um elemento essencial para a compreensão dos acontecimentos que depois ocorreram:

«Franceses! Dirijo-me hoje a vós, franceses da metrópole e das colónias, para vos explicar os motivos que levaram à conclusão dos dois armistícios, o primeiro assinado há três dias com a Alemanha, o segundo concluído com a Itália. Antes de mais nada é preciso acentuar que tanto a França como os seus aliados mantinham ilusões profundas sobre a sua verdadeira força militar e sobre a eficácia da arma económica: liberdade dos mares, bloqueio, recursos de que podiam dispor. Hoje, como ontem, as guerras não se ganham exclusivamente com ouro e com matérias-primas. A vitória depende dos efectivos, do material e das condições do seu emprego. Os acontecimentos demonstraram que a Alemanha possuía, em Maio de 1940, uma superioridade esmagadora à qual nós não podíamos opôr, quando a batalha começou, mais do que palavras de encorajamento e de esperança.

A batalha da Flandres terminou pela capitulação do exército belga e pelo cerco das divisões inglesas e francesas. Estas últimas bateram-se com bravura. Formavam a sêlites do nosso exército mas, apesar do seu valor, só puderam salvar os homens sacrificando o material. No Aisne e no Somme deu-se uma outra batalha. Para manter essa linha, 60 divisões francesas, sem fortificações e sem carros, bateram-se contra 150 divisões de infantaria e 11 divisões blindadas alemãs. O inimigo em alguns dias, rompeu o nosso dispositivo, dividiu as nossas tropas em quatro partes, e invadiu a maior parte do território francês. A guerra estava virtualmente ganha pela Alemanha quando a Itália entrou nela. Mas a entrada da Itália na guerra criou, para nós, uma nova frente onde o nosso exército dos Alpes teve de resistir. O êxodo dos refugiados tomou proporções inesperadas. Dez milhões de franceses precipitaram-se sobre nós em condições de miséria e de desordem indescrevíveis.

AS LIÇÕES A GUERRA

O Marechal continuou, assim, a sua exposição sobre o que acontecera em Maio e Junho daquele ano de 1940:

«A partir de 15 de Junho o inimigo atravessou o Loire e espalhou-se pelo resto da França. Perante o que se passava, a resistência armada devia terminar. O governo estava obrigado a tomar uma destas decisões: ficar no território da pátria ou tomar o caminho do mar. O governo resolveu ficar em França para manter a unidade do nosso povo e para o representar perante o adversário. O governo pensou que naquelas circunstâncias, o seu dever consistia em conseguir um armistício aceitável, apelando para os sentimentos de honra e para a razão do adversário. O armistício está concluído. A luta terminou. Neste dia, que é de luto nacional, o

ESCUTAI ROMA

NOVO HORÁRIO NOTICIÁRIO EM LINGUA PORTUGUESA TODOS OS DIAS

Horas de Portugal	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7.40	Noticiário	2 RO 21	19.92	15060
		2 RO 4	25.40	11810
12.20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15.31	19590
		2 RO 8	16.84	17820
13.30	Noticiário	2 RO 8	16.84	17820
		2 RO 21	19.92	15060
17.00	Noticiário	2 RO 17	15.31	19590
21.00	Noticiário	2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 3	31.15	9030
21.40	Noticiário	2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 4	25.40	11810
		2 RO 18	30.74	9760
		2 RO 11	41.55	7220
23.30	Noticiário	2 RO 26	48.23	6220
			221.10	ondas
			263.0	médias
		2 RO 6	19.61	15300
		2 RO 19	29.04	10330
		2 RO 18	30.74	9760

CONVERSÇÕES EM LINGUA PORTUGUESA

21.10	Aos domingos	39.80
21.20	Às quartas-feiras	31.41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

meu pensamento dirige-se para todos aqueles a quem a guerra atingiu na sua carne ou nos seus sentimentos. Esses devem permanecer nas nossas memórias e nos nossos corações.

As condições que aceitámos são severas. Uma grande parte do nosso território vai ser temporariamente ocupado. As guarnições alemãs ficarão em parte do nosso solo, a norte e a oeste, desde o lago de Genebra até Tours, depois ao longo da costa desde Tours até aos Pirinéus. Os nossos exércitos serão desmobilizados, a nossa esquadra desarmada, permanecendo nos portos. No Mediterrâneo as nossas bases navais serão desmilitarizadas. Pelo menos salvámos a honra.



ra. Ninguém utilizará nem os nossos aviões nem os nossos navios. Ficamos com as unidades terrestres e navais indispensáveis para a manutenção da ordem na metrópole e nas colónias. O governo fica livre; a França será exclusivamente administrada por franceses.

Eu sei que estávades dispostos a continuar a luta. A guerra estava perdida na metrópole. Era conveniente continuá-la nas colónias? Eu não seria digno de continuar a dirigir-vos se consentisse em que o sangue francês continuasse a ser derramado para prolongar o sonho de alguns franceses mal informados sobre as condições da luta. Eu não quis colocar fora da França nem a minha pessoa nem a minha esperança. Não me occupei menos das colónias do que da metrópole. O armistício salvaguarda os laços que as unem à própria pátria. A França tem o direito de contar com a sua lealdade.

PALAVRAS DE CONFORTO

A parte final do discurso do Marechal era concebido nos seguintes termos:

«É para o futuro que agora devemos tender os nossos esforços. Uma ordem nova vai começar. Voltareis aos vossos lares. Alguns destes terão de ser reconstruídos. Conheço os vossos sofrimentos. Teréis ainda de sofrer. Alguns de entre vós não poderão voltar às suas profissões ou aos seus lares. Nãoerei eu que tentarei iludir-vos com palavras enganadoras. Odeio as mentiras que vos fizeram tanto mal. Há a terra que não mente. Ela continua a ser o vosso supremo recurso porque é a própria pátria. Um campo que se abandona é um pedaço da França que morre. Um campo que se cultiva é um pedaço da França que renasce. Não deveis esperar muito do Estado. O Estado pode dar apenas aquilo que recebe. Contal, no presente, convosco, e no futuro, com vossos filhos. Estes devem ser educados no sentimento do dever.

Temos que restaurar a França. Mostrai-a ao mundo que a observa e ao adversário que a ocupa no seu trabalho, na sua calma e na sua dignidade. A nossa derrota é a consequência das nossas transigências. O espírito de gozo destruiu aquilo que o espírito de sacrifício construiu. Convidovos, antes de mais nada, para uma renovação intelectual e moral. Estou certo de que sabereis realizar essa tarefa e nessas condições, posso jurá-lo, do vosso sacrifício surgirá uma França novas.

Vão decorrer dos quasi três anos desde que esse discurso histórico foi pronunciado pelo Marechal de França, Philippe Pétain, que nessa hora assumia o encargo de refazer a França dilacerada pela derrota militar, a mais pesada e a mais surpreendente que a sua história registava. As esperanças do homem que as pronunciou, e que retinha nesse momento com as simpatias e os votos de tantos dos seus compatriotas, apareciam patentes nas palavras que pronunciou. Mas com essas esperanças era todo um

plano de acção que aparecia esboçado nas suas linhas gerais e que o Marechal ia tentar executar ao meio de obstáculos e de dificuldades cuja verdadeira extensão não era ainda possível avaliar na altura em que as suas palavras foram pronunciadas.

UM PROGRAMA DE ACÇÃO

Quais eram as linhas gerais do programa de acção imediata esboçado no discurso histórico que o marechal pronunciou no dia 25 de Junho de 1940? Para a compreensão dos acontecimentos que posteriormente vieram a ocorrer, é necessário acentuar a importância e significação exactas das palavras em que ele punha o seu ponto de vista, partilhado por muitos dos seus compatriotas, quanto à fórmula mais conveniente e eficaz de proceder à liquidação da derrota. Para o Marechal Pétain a ideia de continuar a luta militar nas colónias, utilizando estas e a esquadra francesa que, pode dizer-se, se encontrava praticamente intacta, não tinha qualquer viabilidade. A resistência era para os dois mais categorizados chefes militares da França, um dos quais era o próprio Marechal e o outro o general Weygand, um verdadeiro contra-senso. A superioridade afirmada pela máquina militar alemã, no decurso da luta revelara-se, na opinião dos dois referidos chefes, de tal forma esmagadora que qualquer tentativa para luta militar nas colónias, dado o estado de desarmamento em que se encontravam as potências ocidentais, França e Inglaterra, não podia deixar de se liquidar por um malôgo total.

Desta conclusão resultava que apenas uma política era possível na sua opinião: a política do entendimento com o adversário da véspera, a qual não podia deixar de conduzir, cedo ou tarde, à colaboração entre os dois países.

Pelo contrário, os franceses que advogavam a conveniência de col-



nuar a resistência nas colónias partilhava o princípio de que esta poderia articular-se, eficazmente, com a resistência inglesa uma vez que a Gran-Bretanha, perante o espectáculo da derrota da França, entendia que a sua vez de negociar uma paz com o

Reich ainda não chegara e que as condições tradicionais de insularismo que haviam caracterizado toda a sua existência, lhe permitiriam, mais uma vez, sair triunfante da provação terrível a que ia ser sujeita. É do confronto entre estes critérios irreductíveis que se fez a história da França entre a assinatura do armistício com o Reich em Junho de 1940 e a ocupação total do território francês em Novembro de 1942.

UMA RECOMPOSIÇÃO MINISTERIAL

No dia 27 de Junho, ainda em Bordéus, o Marechal Pétain procedeu a uma recomposição profunda do gabinete a que presidia. Este ficou assim constituído: Presidente do Conselho; Vice-Presidente do Conselho, Pierre Laval e Camille Chautemps; Justiça, Frémicourt; Defesa Nacional, general Weygand; Guerra, general Colson; Marinha Militar e Marinha mar-



cante, almirante Darlan; Ar, general Fujo; Negócios estrangeiros, Pierre Baudouin; Interior, Adrien Marquet; Finanças, Bouthillier; Colónias, Albert Rivière; Educação Nacional, Albert Rivaud; Obras Públicas, Ludovic Frossard; Comunicações, Fèvre; Agricultura e Reabastecimento, Chichery; Trabalho, Pomerey; Família, Ybarnegary. Além destes ministros havia quatro subsecretários de Estado: Albert, para a Presidência do Conselho; Schuman para os Refugiados; Proust para as Informações; general Doumeac para a Reconstrução Geral.

Este ministério tinha no seu elenco personalidades das mais diversas tendências. Os representantes dos antigos partidos políticos, que os novos governantes responsabilizavam pela derrota, encontravam-se mesmo nesse elenco em número razoável. Os srs. Camille Chautemps e Chichery eram dois categorizados elementos do partido radical socialista. Os srs. Marquet e Frossard eram dois antigos ministros das fileiras socialistas. Os srs. Pierre Laval e Ybarnegary eram dois elementos das fileiras moderadas mas cuja convicção republicana nunca se desmentira ao longo de uma



carreira política relativamente longa. Como sub-secretário de Estado estava no novo governo uma personalidade que depois havia de desempenhar um papel de grande relevo na sequência dos acontecimentos em França como um dos mais directos colaboradores do Marechal. O sr. Raphael Alibert, que havia mais tarde de sobraçar a pasta da justiça, era um jurista de grande reputação cujas tendências monárquicas não constituíam segredo para ninguém.

A INSTALAÇÃO EM VICHY

Um dos defensores categorizados da política do Marechal escreveria a respeito dos acontecimentos que então se desenrolaram, para caracterizar a situação e esboçar o quadro geral em que ela evoluíam: «O armistício estava assinado. A França estava cortada em dois bocados. Pagávamos caro os erros do passado. Mas seria avaliar mal o Marechal Pétain e os homens que o rodeavam, supor que iam abandonar-se ao desespero. Na própria hora em que a desgraça nos atingia tão rudemente, o Chefe lançava os alicerces da reconstrução. A preocupação essencial do governo consistia em refazer a França. Como proceder a essa operação? Liquidando o passado, fazendo face aos inquietantes problemas do presente, preparando o futuro. Para reparar o desastre, na medida do possível, o governo pensava que devia proceder a uma averiguação de responsabilidades e depois, uma vez o caminho desimpedido, romper com o passado e emprender a reconstrução indispensável. O pensamento oficial, predominante nessa altura entre os partidários da celebração do armistício, aparecia assim claramente definido.

O governo instalou-se em Vichy no dia 7 de Julho depois de ter passado por Clermont Ferrand. No dia seguinte reuniu-se em Vichy o primeiro conselho de ministros que se revestiu de grande importância. Em vez, porém, do conselho de todos os membros do gabinete, apenas se reuniram com o Marechal os seus mais directos colaboradores. Entre estes contavam-se além de Pierre Laval, os ministros encarregados das pastas militares, general Weygand e almirante Darlan, Colson e Fujo, o ministro do Interior, Marquet, e a sub-secretário Alibert. Tratava-se, por um lado, de assentar na maneira de executar as cláusulas militares do armistício e, por outro, de lançar as bases da reforma constitucional julgada indispensável, sob o ponto de vista das exigências da política interna da França e da sua política externa. A presença dos srs. Pierre Laval e Raphael Alibert era uma indicação clara de que o pensamento do Marechal estava perfeitamente identificado com o das individualidades políticas que preconizavam a vantagem de uma transformação do regime e de uma reforma profunda das instituições.

(Continua)

Vida MUNDIAL

CONTINENTE E ILHAS ADJA.		ESTRANGEIRO (com convenção)	
CENTES			
3 meses (13 números).....	13\$00	6 meses (26 números).....	40\$00
6 " (26 ").....	26\$00	12 " (52 ").....	80\$00
12 " (52 ").....	52\$00	ESTRANGEIRO (sem convenção)	
ÁFRICA PORTUGUESA		6 meses (26 números).....	47\$00
12 meses (52 números).....	68\$00	12 " (52 ").....	94\$00

UMA GOTA DE «HERPETOL»

e o desejo de coçar passou. A irritação é dominada. A pele refresca-se e o alívio começa

«HERPETOL»

é um medicamento sério e curto para todos os casos de ECZEMA (humido ou seco), crostas, feridas, erupções, orzais na pele, etc. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogasias

Preço avulso: 11\$00

ESTE NÚMERO É DE 24 PÁGINAS E FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

UM GRAMOFONE

com o aspecto,
o tamanho e o peso

duma máquina fotográfica

NOVO MODELO

EXCELD A

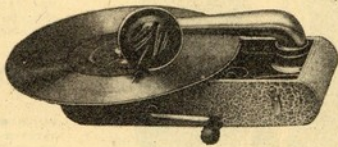
Motor seguro

Diafragma do último modelo

Sonoridade potente

Tudo condensado no

EXCELD A



OIÇA-O NOS

Est. VALENTIM DE CARVALHO

R. NOVA DO ALMADA, 97

APRENDA GRAFOLOGIA!

por CLOTILDE RANDI

Para se chegar a ser grafólogo é necessário um longo aprendizado, fora as condições naturais necessárias ao candidato que deseje estudar a natureza humana e uma instrução geral, sem a qual de forma nenhuma se triunfará — a reconstituir com exactidão o carácter duma pessoa pelo exame da sua escrita.

Ver um tratado de grafo-psicologia e supor-se apto a conhecer os outros — é uma ingenuidade. E acreditar numa grafologia feita de sinais isolados (tal para os «*ts*» significa egoísmo, tal «*un*» pretensão, tal «*ca*» altruísmo, etc.), é uma puerilidade. A escrita conserva nos seus variados gestos ou movimentos uma unidade geral, um todo complexo. A personalidade humana é, como o seu espelho — a escrita — também muito complexa, com os seus defeitos e as suas qualidades, e conservando características próprias. O característico numa escrita e numa personalidade, eis o difícil de definir. Só no estudo considera os assuntos fáceis o ignorante e o primário. A grafologia, graças especialmente aos admiráveis trabalhos dos drs. Crepiaux Jamin e Paul Carton, tornou-se uma ciência, em evolução é claro, precisa e útil.

Em Outubro de 1936 fundou-se em Lisboa o Instituto Grafológico Português. Após uma actividade discreta, vai este Instituto iniciar um programa de acção que se afigura frutuosa, apesar das dificuldades que sofrem as iniciativas originais. Já no próximo mês, com o precioso auxílio de uma grafóloga de celebridade mundial e do dr. Moreno da Fonseca, contamos inaugurar um Curso de Grafologia, cujo programa é o seguinte:

- 1 — Generalidades. Definições. Aplicações práticas da grafologia e sua utilidade social.
- 2 — Origens da grafologia. Literatura grafológica. Sociedades e cursos de grafologia. Sistemas de grafologia. Futuro da grafologia.
- 3 — Origem e evolução da escrita. Os diferentes alfabetos.
- 4 — Bases fundamentais da grafologia. Razões lógicas e provas experimentais da sua exactidão. Exame das objecções sérias que lhe foram feitas.

5 — Análise pura dos movimentos gráficos (grafonómia). Géneros gráficos, suas espécies e modos.

6 — Leis da grafologia. Factores que concorrem para a formação da escrita. Instrumentos auxiliares da observação dos movimentos gráficos.

7 — Interpretação psicológica dos movimentos gráficos (grafo-psicologia).

8 — Carácter. Sua formação, seus elementos essenciais, seu mecanismo. Origem e aspectos da mentalidade individual. Origem, funcionamento e particularidades da inteligência.

9 — O temperamento, a idade e o sexo na escrita. Escrita dos doentes (grafopatologia). A arte e a escrita. A educação auxiliada pela grafologia (grafo-pedagogia). Grafologia patognomónica.

10 — Dominantes e resultantes da grafologia. Escolha dos documentos. Elaboração do retrato grafológico (grafoténia). Prática da grafo-psicologia.

Tal é o esquema do curso com que vamos brindar os leitores desta revista. Seleccionaremos, como não podia deixar de ser, os nossos alunos. Os que se julgam encontrar instruídos e persistentes para aprender tão belos conhecimentos, dirijam-se ao Instituto, indicando o nome, idade, morada, profissão. Nós informaremos em seguida.

CONSULTÓRIO

32 — SIO — Açoreana — Desejo constante de concentrar em si as atenções, e procura conseguir de todas as maneiras. Teimosia; uma fantástica persistência de idéias. Agressividade.

33 — EU — Torres Vedras — Carácter instável, convívio um pouco fastidioso por explosões de nervos. Lavos de egoísmo.

34 — ELANT — Escrita caracterizada por debilidade física. Debilidade que prejudica a sociabilidade, tornando-o inquieto, insatisfeito!

35 — FERNANKINGS — Espírito protestatário e um pouco crítico mordaz. Vontade forte, carácter desconfiado... mas no todo — uma personalidade equilibrada.

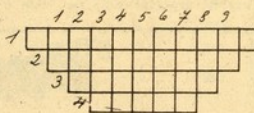
Luis de Oliveira Guimarães

Dize tu
dizei ou

• VIDA MUNDIAL EDITORA •

PALAVRAS CRUZADAS

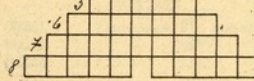
PROBLEMA N.º 84



7 — Criada da câmara. 8 — Aterras; Retumbara.

VERTICAIS: 1 — Batráquio; Aquil. 2 — Interj. de chamar; Semelhante. 3 — Azêdo; Ramos de árvore. 4 — Pouco vulgar; Cartel (pl.). 5 — Viver no campo. 6 — Anagrama de celgas; Nome de mulher. 7 — Ovario dos peixes (pl.); Octosidade. 8 — Viscera dupla; Altar. 9 — Basta; Viração.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 83



HORIZONTAIS: 1 — Casta. 2 — Derriço. 3 — Fome; Nova. 4 — Cal; Sua; Ara. 5 — Amor; Ales. 6 — Ni; Ut; As; Es. 7 — Onda; Aflo. 8 — Até; Lia; Ira. 9 — Ouro; Sélo. 10 — Seresma. 11 — Sósia.

HORIZONTAIS: 1 — Trovejar; Torcido. 2 — Confusão de vozes. 3 — Torram-se russos. 4 — Terreno coberto de vegetação no meio do deserto. 5 — Orvalho. 6 — Elegante animal africano, do género dos antílopes.

VERTICAIS: 1 — Dêlo; Deus. 2 — Faminho. 3 — Canoas. 12 — Cêm; Rua; Rés. 13 — Ares; Loro. 14 — Sr.; Um; Vi; Es. 15 — Tina; Assi. 16 — Aço; Asa; Emã. 17 — Dual; Arreiro. 19 — Assão.



APRENDA RADIO

Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil. Peça folhetos grátis á

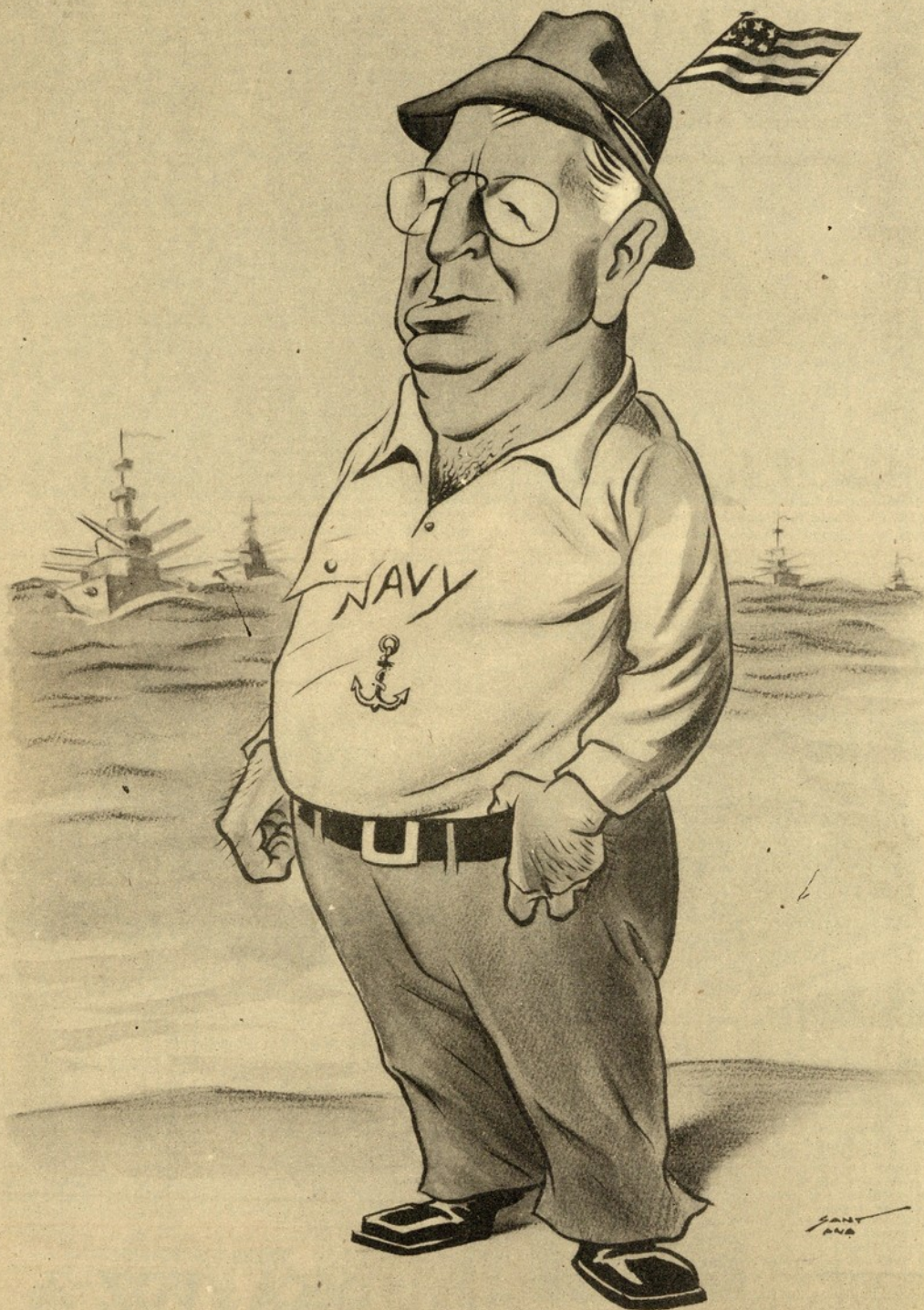
ACADEMIA NACIONAL DE RADIO

AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12

PORTO

KNOX, Ministro da Marinha dos Estados
Unidos da América

(Caricatura de Santana)

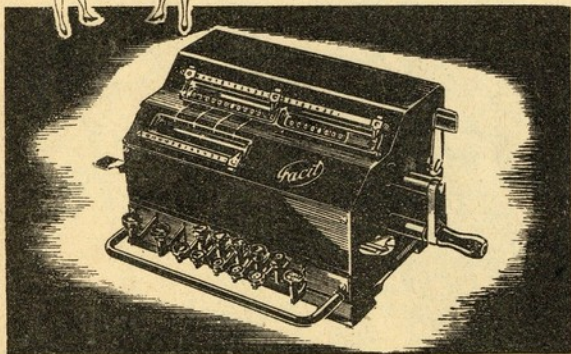




Milú e Fernando Ribeiro, numa lindíssima cena de «O Costa do Castelo», o grande êxito do cinema português, que em plena 6.ª semana de exibição, no S. Luis, continúa a atrair uma multidão curiosa e interessada — que considera justamente este filme como a etapa mais nítida e vitoriosa do cinema nacional.



Discussão por causa da «FACIT»



É tempo de comprar mais outra !!

Esta situação é sua conhecida? Todos querem fazer as contas com a nova máquina «Facit», moderna, pois é muito mais fácil e mais segura, com as dez teclas manejáveis. Os modelos eléctricos são tão rápidos! A «Facit EA» é uma máquina para trabalhar sobretudo com a mão esquerda, deixando a mão direita livre para as conferências, etc. Esta máquina é igualmente conveniente para todas as operações: soma, subtração, multiplicação e divisão. Para os que trabalham com grandes números e muitos decimais, há o modelo especial «Facit LX» com 19 algarismos no registor dos produtos.

É de toda a conveniência ter o número suficiente de máquinas, no escritório — e a máquina própria no devido lugar. Peça demonstração.

A máquina de cálculo rápido

Facit

para as 4 operações aritméticas manual ou eléctrica

SOCIEDADE COMERCIAL
RUA DA PRATA, 145
LISBOA
Telef. 2 5281
Telef. 2 2102

LUSO AMERICANA, L.ª
R. SÁ DA BANDEIRA, 339
PÓRTO
Telef. 1.248



...AQUI AMERICA

EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
7.15	WEBX	31.1 m.	8.650 kc/s.
9.45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
11.45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
13.45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
17.45	WBOS	19.7 m.	19.210 kc/s.
17.45	WGEEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
19.45	WGEEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
21.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
22.45	WGEO	31.5 m.	9.530 kc/s.
1.15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

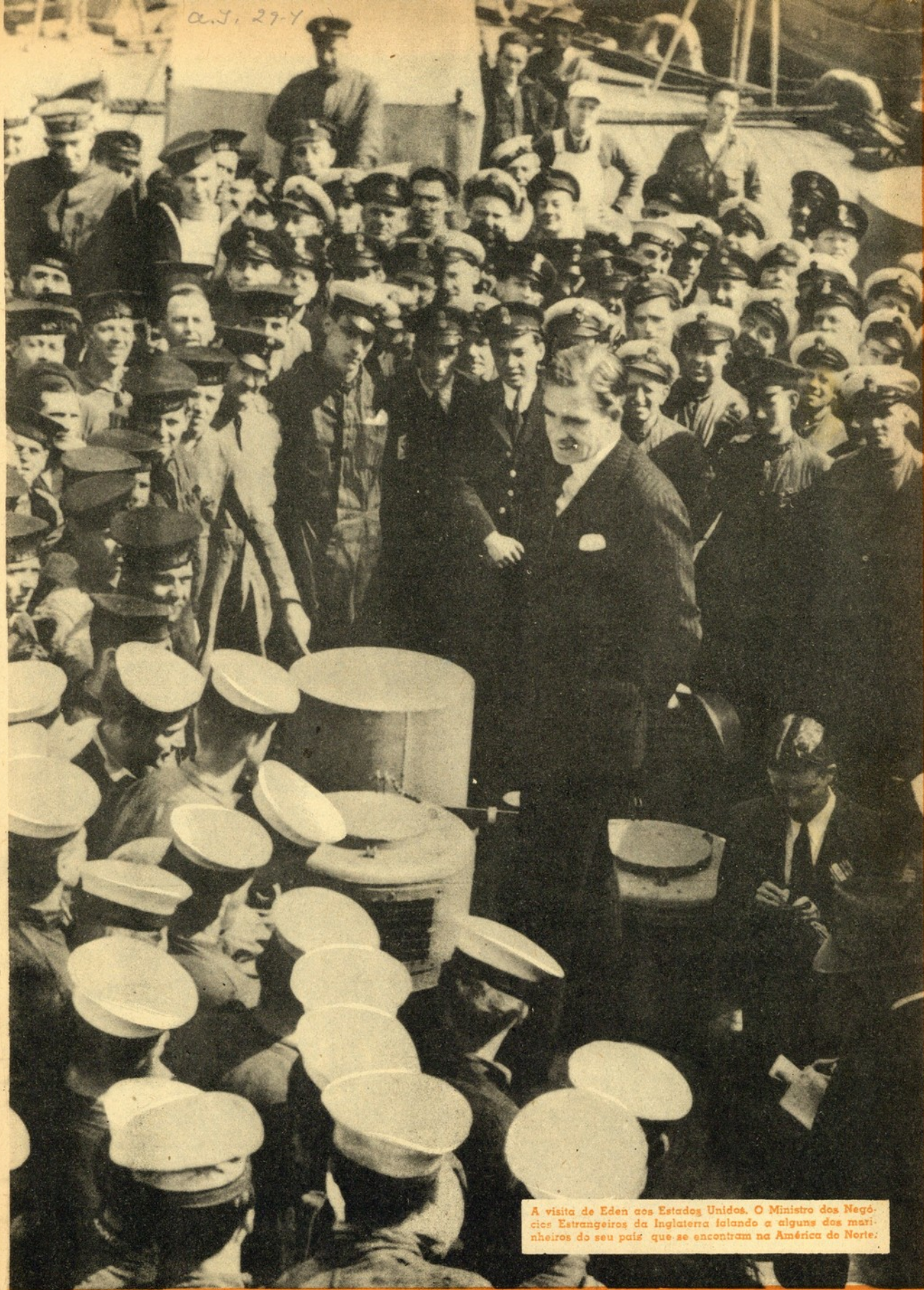


Um hidro-avião italiano salva, em pleno Mediterrâneo, os náufragos de um avião-torpedeiro de seu país abatido durante o ataque a um «combóio» anglo-americano.



Procurando dominar um ataque das forças de Montgomery na frente tunisina, esta peça anti-tank italiana entra prontamente em acção.

ans. 27-Y



A visita de Eden aos Estados Unidos. O Ministro dos Negócios Estrangeiros da Inglaterra inspecionando a alguns dos marinheiros do seu país que se encontram na América do Norte: